

2

O mistério pascal como revelação do mistério de Deus

No primeiro capítulo procuramos elucidar o sentido histórico da morte de Jesus. O eixo de nossa reflexão foi a questão “por que matam Jesus?”. Propomos-nos apresentar no presente capítulo a reflexão de Sobrino sobre o sentido teológico da morte de Jesus. A pergunta que aqui perpassa é “por que Jesus morre?”. Certamente já nos deparamos anteriormente com a mesma quando tratamos das principais interpretações da cruz no Novo Testamento e na tradição teológica.

A questão “por que Jesus morre?” foi respondida tanto pelo Novo Testamento quanto pela tradição teológica, porém as respostas apresentam o risco de desvirtuar o sentido originário da cruz de Jesus. O intuito de eliminar o escândalo que a cruz traz em si foi o objetivo das respostas, mas a maioria gerou modelos explicativos como redenção, expiação, satisfação vicária etc., cujos resquícios são fortemente acentuados ainda hoje.

A interpretação da questão continua e evoca muitas outras questões, principalmente no que se refere à presença (ou ausência) de Deus na cruz. Dada as razões históricas da morte de Jesus, ao perguntarmos “por que Jesus morre?” automaticamente estamos nos questionando por que Deus não interveio na história e não impediu o assassinato de seu Filho.

O sentido histórico é o ponto de partida para a reflexão cristológica latino-americana sobre a cruz de Jesus, mas não é o ponto final. Queremos aqui elucidar o sentido teológico da cruz de Jesus a partir do sentido histórico. Sobrino afirma que

“se a reflexão sobre a cruz não alcança o nível teológico de perguntar-se por Deus e caso se detivesse na mera morte de Jesus, ignoraria seu aspecto mais profundo, pois tanto para Jesus como para o cristão atual “Deus” é a expressão do último da existência e de sua história”¹⁸⁵.

A cruz não é um momento isolado da vida de Jesus. Sua encarnação, vida, morte e ressurreição revelam quem é Deus e como atua na história. A questão “por que Jesus morre?” não é tão simples de ser respondida. Sobrino

¹⁸⁵ TAVARES, S.S., op.cit., p.79. Citação de SOBRINO, J. *La muerte de Jesús*, p. 155.

parte do próprio mistério pascal para dar um sentido tanto histórico quanto teológico à cruz de Jesus.

Já vimos que, segundo Sobrino, considerar a cruz de Jesus como consequência histórica de sua vida é uma primeira forma de recuperar o seu sentido original¹⁸⁶. A cruz foi um escândalo porque foi um assassinato do justo: “morrer crucificado não significa simplesmente morrer, mas ser matado”¹⁸⁷. Era vontade de Deus que seu Filho morresse assim? A pergunta pela presença de Deus em meio a tanto sofrimento continua ecoando e com ela o escândalo da cruz se torna ainda maior.

A consideração que encontramos frequentemente em nossas Comunidades sobre o significado da morte de Jesus é fruto da interpretação da cruz como desígnio de Deus para nos salvar. Consequentemente afirma-se também que Deus, por ser bom, não permite que a morte seja o fim e por isso ressuscita Jesus. A mesma reflexão sucede no que se refere à realidade de cruzes que aconteceram e que continuam acontecendo para muitos pobres e excluídos de nossa sociedade. A esperança de um mundo melhor na vida eterna dada por Deus faz com que se continue a caminhar. Espera-se um lugar sem injustiças. Assim, esta esperança torna-se uma resposta e um alívio para a razão. Porém, se esta resposta elimina uma visão sobre a questão histórica de tanto sofrimento isto se torna negativo, pois gera um comodismo e uma aceitação da realidade como se fosse normal a tragédia da geração de vítimas e também um desígnio de Deus.

Resta-nos, então, esclarecer o que vem a ser o desígnio de Deus em relação a Jesus e à nossa história. Sobrino afirma que o “desígnio de Deus” pode ser entendido como a realização da vontade de Deus para nos salvar, mas que a seu ver, deve ser entendido como sua vontade de se encarnar em nossa história:

“Desígnio de Deus” se pode entender como manipulação da história por parte de Deus para chegar a única coisa que interessa: a cruz como fato redentor. Mas também se pode, e a nosso ver se deve entender, como a autêntica encarnação de Deus. Se Deus se encarnou na história, se aceitou os mecanismos, as ambiguidades e as contradições da história, então a cruz revela a Deus não apenas em si mesma, mas conjuntamente com o caminho histórico que leva Jesus à cruz¹⁸⁸.

¹⁸⁶ Cf. SOBRINO, J., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 212.

¹⁸⁷ Id., *Jesus, o libertador*, p. 367.

¹⁸⁸ Id., *Cristologia a partir da América Latina*, p.212.

Deus “revela-se como o mistério santo, como amor incompreensível, mas compreensível por sua credibilidade”¹⁸⁹. Amor incompreensível porque sua onipotência é questionada ao deixar seu filho morrer na cruz vítima dos poderes religiosos, políticos e econômicos da época. Compreensível porque faz justiça ressuscitando-o.

A encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus são fatos interligados e reveladores do mistério de Deus: a partir da cruz de Jesus a afirmação cristã sobre Deus como Trindade adquire um novo sentido, pois o próprio Deus aparece aberto para a plenificação final assumindo em si o histórico. Por um lado Deus participa da história do Filho e se deixa afetar por ela e, por outro, a história é assumida no Espírito¹⁹⁰. Ao desenvolvermos a temática do mistério pascal como revelação do mistério de Deus não temos como objetivo apresentar uma reflexão sistemática sobre a revelação trinitária, mas elucidar quem é o Deus de Jesus revelado a partir da cruz.

Sobrino tem os crucificados da história como “lentes” para sua leitura teológica da revelação de Deus. Partindo deste pressuposto sublinharemos a seguir pontos relevantes acerca do mistério pascal em sua reflexão e procuraremos apresentar como se dá a revelação de Deus nesse mistério, e mais especificamente, como o Pai se revela na cruz de Jesus e no sofrimento dos povos crucificados.

2.1. A inter-relação encarnação-morte-ressurreição

Ao aprofundar os eventos que compõem o mistério pascal – encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus – Sobrino tem como eixo os clamores dos pobres e excluídos presentes no Terceiro Mundo que por ele são chamados de vítimas e povos crucificados. Portanto, em sua reflexão, traz à tona as interpretações referentes ao Mistério pascal que ocorreram e que ocorrem na história, apresentando como e onde se tornam (ou podem se tornar) surdas a esses clamores.

Como afirmamos anteriormente, encontramos nos textos de Sobrino uma intrínseca relação entre encarnação, morte e ressurreição de Jesus. Já em nosso primeiro capítulo abordamos o sentido histórico da morte de Jesus e

¹⁸⁹ Id., *Jesus na América Latina*, p. 32.

¹⁹⁰ Cf. Id., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 236.

agora propomo-nos apresentar como se relacionam a encarnação e a ressurreição inseridas nessa perspectiva.

A teologia da encarnação na cristologia de Sobrino não tem o mesmo destaque atribuído a outras categorias cristológicas. O que é enfatizado são as perspectivas que derivam da encarnação como a prática libertadora de Jesus, a missão, a morte na cruz, a ressurreição, o Reino de Deus e o seguimento¹⁹¹.

Vimos que mataram Jesus porque ele se encarnou nesta história marcada pela violência, pela ganância, pelo poder autoritário, isto é, se encarnou num mundo que é anti-reino. E mais ainda. Encarnou-se no mundo dos pobres. É a partir desta perspectiva que Sobrino aproximará o evento da encarnação aos demais eventos da trajetória de Jesus.

A cruz não é um desígnio arbitrário de Deus, mas consequência de sua opção originária que foi a encarnação¹⁹². Encarnar-se não é apenas assumir a carne humana, mas uma opção consciente, livre, parcial, excludente e conflitiva. Consciente e livre por ser uma escolha de Deus encarnar-se no mundo dos pobres e, portanto também parcial, pois deles está ao lado. Excludente porque ao assumir os pobres e oprimidos automaticamente se excluem todas as formas de riqueza e poder que os oprimem. Jesus entrou em conflito com as lideranças de sua época em defesa dos pobres e excluídos e por isto foi perseguido e morto¹⁹³.

Encarnar-se na história é assumir a história, é inserir-se numa situação¹⁹⁴. Significa situar-se “de carne e osso” de forma “localizada”. Ser “corpo” acarreta alguma estabilização, determinação, limitação, definição, fidelidade a um lugar e um tempo¹⁹⁵.

“Encarnar-se para Jesus, não significou situar-se na totalidade da história para corresponder a partir daí à totalidade de Deus; significou antes, escolher aquele lugar determinado da história que fosse capaz de encaminhá-lo para a totalidade de Deus. E este lugar não é outro senão o pobre e o oprimido”¹⁹⁶.

A encarnação se insere no movimento *kenótico* de Deus. Ao encarnar-se Jesus assume a humanidade em si mesmo, “Deus se aproxima e se insere na realidade da vida humana, tornando-se plenamente solidário e participante da

¹⁹¹ CATALFO, C. E., A teologia da encarnação na cristologia de Jon Sobrino, p.57. In: SOARES, A. M. L., *Dialogando com Jon Sobrino*, pp. 55-90.

¹⁹² Cf. SOBRINO, J., op. cit., p. 212.

¹⁹³ Cf. BOMBONATTO, V. I., *Seguimento de Jesus*. Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino, pp. 298-305.

¹⁹⁴ Cf. SOBRINO, J., op. cit., p. 213.

¹⁹⁵ Cf. SUSIN, L. C., Mística de “encarnação”. Uma meditação sobre o horizonte, p. 286. In: *CONVERGÊNCIA*, n.411, maio 2008, pp.286-294.

¹⁹⁶ SOBRINO, J., *Jesus na América Latina*, p. 199.

nossa condição”¹⁹⁷. Deus se auto-renuncia saindo de si em direção aos limites humanos, pois “para chegar a estar conosco veio a ser o que não é Deus”¹⁹⁸. Portanto, encarnar-se significa esvaziar-se.

A encarnação de Jesus é uma decisão trinitária que revela um grande amor. Só quem ama é capaz de ir ao encontro do outro. Deus vem ao nosso encontro, pois “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). O Verbo de Deus se faz carne no mundo, em nosso meio, e mais especificamente no mundo dos pobres e excluídos. Essa perspectiva da encarnação está presente como transversalidade em diversos artigos de Jon Sobrino. Porém, de forma mais sistematizada encontramos em sua obra clássica *A fé em Jesus Cristo* a análise do prólogo de João que apresenta a encarnação do Verbo nesta história marcada pela violência e opressão:

O tema da encarnação encontra um eco de beleza e de originalidade nos textos em que Jon Sobrino analisa o prólogo do quarto evangelho. Através de uma detalhada hermenêutica exegética e sistemática, Sobrino descreve a riqueza e a relevância do mistério do Deus-homem, encarnado na plenitude do tempo (cf. Gl 4,4). Jesus é a Palavra, a verdade e a Boa-notícia que se fez carne na história humana, para oferecer dignidade de vida, misericórdia e redenção ao homem dilacerado pela miséria, pela opressão e pelo pecado¹⁹⁹.

O prólogo de João apresenta Jesus como o *Logos*, a Palavra, o Verbo. O *Logos* que se encarna. Este título foi muito importante por ter sido ponte entre as culturas judaica e helênica. Com este título Cristo foi anunciado ao mundo helenista, assim como com o título “Messias” o foi ao mundo judeu²⁰⁰. “Com o texto de João se quer provar aos pagãos que ‘Jesus Cristo é o único Filho nascido propriamente de Deus, que é seu Logos, seu Primogênito, seu poder, e que se fez homem’”²⁰¹.

Jesus é apresentado como o revelador do Pai. Ele é a carne (*sarx*) de Deus em nossa história. Tudo em Jesus mostra Deus:

“Quando Jesus acolhe os pobres, os pecadores, Deus os acolhe, quando Jesus fustiga os opressores, Deus os fustiga, quando Jesus se alegra comendo com os publicanos e prostitutas, Deus se alegra, quando Jesus sofre na cruz, Deus sofre na cruz... Quando nos perguntamos intelectual e existencialmente quem é Deus, a resposta é ‘olhem para Jesus’”²⁰².

¹⁹⁷ CATALFO, C. E., op. cit., p.67.

¹⁹⁸ SOBRINO, J., *A fé em Jesus Cristo*, p. 298.

¹⁹⁹ CATALFO, C. E., op. cit., p.64.

²⁰⁰ SOBRINO, J. op. cit., p. 354.

²⁰¹ *Ibid.*, p. 384. Citação de JUSTINO, Apologia, 23,2.

²⁰² *Ibid.*, pp. 303-304.

Com a passagem do cristianismo ao mundo grego nasceram formulações de fé em Jesus a partir dos termos de plenitude de humanidade e plenitude de divindade²⁰³. Nos primeiros séculos a humanidade e a divindade de Cristo foram colocadas em questão com base em sua vida, morte e ressurreição. Esse questionamento se estendeu por séculos onde o que estava em xeque era a filiação divina. Para manter-se fiel à herança recebida do Novo Testamento e combater as heresias emergentes, esta fé foi expressa e proclamada pelos Concílios²⁰⁴ em diversos credos e símbolos de fé²⁰⁵. “Os concílios tiveram a audácia de aceitar a encarnação, elemento formal fundamental e revelatório – e por isso tiveram que dizer que Jesus veio a ser outro, se fez homem limitado e sofredor”²⁰⁶.

Encontramos nos Concílios uma insistência no tema da encarnação com o objetivo de superar dualismos (ou heresias) referentes a Jesus. O *logos* pode ser analisado aqui como a base da cristologia conciliar.

Já no prólogo do evangelho de João temos como pano de fundo o combate ao docetismo que “consiste em só admitir em Jesus Cristo uma simples ‘aparência’ (*dokésis*) de corpo humano”²⁰⁷. Jesus não podia ter vindo na carne, mas só como espírito que tomou a aparência de carne. Esta teoria firma-se ainda mais no século II com o gnosticismo que dissocia o mundo material do mundo espiritual²⁰⁸.

O arianismo foi a questão principal do século IV. Ário, presbítero da Igreja de Alexandria fundou esta teoria. Ele afirmava que “só o Pai é Deus, propriamente falando; o Filho, com tudo o mais que existe, é suscitado no ser pela vontade do Pai e, como o Espírito, só é chamado Deus por metáfora”²⁰⁹. O Filho teve princípio enquanto Deus, o Pai, não tem. O Filho, segundo Ário, é posterior ao Pai, pois o Pai é seu princípio ontológico e cronológico. Pouco antes do Concílio de Niceia Ário foi excomungado por sua teoria ter sido considerada uma heresia. Em Niceia (325) Jesus é proclamado como “Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não criado, consubstancial ao Pai” (DS125). O objetivo da definição foi o combate ao arianismo que tendia a fazer de Jesus apenas um demiurgo, isto é, uma criatura acima das outras criaturas.

²⁰³ Cf. *Ibid.*, p. 153.

²⁰⁴ Sobre as definições dos concílios sugerimos: KESSLER, H., *Cristologia*, pp. 294-323. In: SCHNEIDER, T. (ORG.), *Manual de dogmática*, pp. 219-400.

²⁰⁵ Cf. SOBRINO, J., *Jesus na América Latina*, p.42.

²⁰⁶ *Id.*, *A fé em Jesus Cristo*, p. 451.

²⁰⁷ BRAUN, R., *Docetismo*, p. 567. In: LACOSTE, J-Y., *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 567-568.

²⁰⁸ Cf. *Id.*, *Gnose*, p. 773. In: *Id.*, pp. 773-774.

²⁰⁹ KANNENGIESSER, C., *Arianismo*, p. 181. In: *op. cit.*, pp. 180-182.

O sofrimento de Jesus era a razão fundamental pela qual Ário não aceitava a divindade de Cristo: como um humano limitado e crucificado pode ser Deus? Como Deus pode sofrer? Segundo Ário, o Filho não só não era Deus, mas não podia ser Deus devido a suas limitações e sofrimentos²¹⁰.

As ideias de Ário eram contrárias à teologia Alexandrina. Destaca-se na tradição Alexandrina o pensamento de Atanásio que refuta Ário dizendo que “o Verbo divino não podia ser afetado pelas inferioridades de sua condição encarnada; assumia em sua carne a paixão e a cruz para nos fazer ressuscitar com ela em uma condição humana transfigurada”²¹¹. Outros Padres como Basílio de Cesaréia, Gregório de Nissa e Cirilo de Alexandria retomarão essa concepção de Atanásio e irão oferecer uma resposta ao arianismo. O Concílio de Niceia nos dá uma definição onde proclama a divindade de Jesus Cristo, isto é, o divino que assume absolutamente todo o humano, e com isso, de certa forma, relaciona Deus e sofrimento²¹². “Jesus Cristo é Deus *apesar* da cruz, e esse ‘apesar’, será ‘pedra de escândalo’, mas será também ‘a pedra angular’ do cristianismo. E certamente será fundamental para as vítimas”²¹³.

Niceia deixou algumas lacunas para outros questionamentos onde a desvalorização do humano em Jesus Cristo é seu ponto comum. Os Concílios posteriores tentaram resolver tais questões e podemos perceber como as formulações conciliares foram se distanciando da linguagem do Novo Testamento, sendo cada vez mais influenciada pela linguagem filosófica.

Também em ambiente alexandrino se firma por fim do século III e início do século IV uma doutrina que afirma que em Cristo o *Logos* divino assume o lugar da alma humana. Essa doutrina será levada ao extremo depois de Nicéia por Apolinário de Laodicéia. Sua teoria do *logos-sarx*, chamada de apolinarismo, provocará no ambiente antioqueno uma rejeição, pois não aceitavam uma humanidade incompleta em Jesus. Como reação vem à tona a necessidade de destacar a total humanidade de Cristo, *logos-anthropos*. Em 381, no Concílio de Constantinopla o apolinarismo será combatido, mas não definitivamente.

No início do século IV as duas posturas cristológicas, *logos-sarx* do ambiente alexandrino e *logos-anthropos* do ambiente antioqueno, entram em disputa. Na busca de uma visão integrada o Concílio de Éfeso acentuará a unidade de Cristo, afirmando que Cristo é verdadeiro homem, dotado de corpo e

²¹⁰ Cf. SOBRINO, J., *A fé em Jesus Cristo*, pp. 394-395.

²¹¹ KANNENGISSER, C., *Arianismo*, p. 182. In: Id., pp. 180-182.

²¹² Cf. SOBRINO, J., op. cit., pp. 394-395.

²¹³ Ibid., p. 383.

alma racional (DS 250)²¹⁴. Porém, ainda serão necessários outros Concílios para combater as heresias emergentes. Calcedônia (451) será o ponto alto destes Concílios.

Em Calcedônia há a necessidade de reafirmar que Jesus Cristo é consubstancial a nós, ou seja, é verdadeiramente humano. Calcedônia retoma a confissão de fé niceno-constantinopolitana e apresenta uma síntese entre a verdadeira humanidade e divindade de Cristo. Afirma que Jesus foi verdadeiramente homem, isto é que o *Logos* assumiu uma natureza humana. Com isto quer explicar a unidade de Cristo na globalidade de sua condição divina e humana. Calcedônia reconhece as duas naturezas (humana e divina) em Cristo, sem confusão, imutáveis, sem divisão e sem separação; a distinção das duas naturezas de modo algum é anulada pela união; as naturezas se reúnem num só *prósopon* (pessoa) e numa só *hipóstasis* (pessoa); não separando ou dividindo em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho unigênito, Deus-Logos, Senhor Jesus Cristo (DS 301-302).

Ao analisar as formulações de Calcedônia, Sobrino enfatiza que há algumas lacunas que podem ser perigosas para a teologia, dentre elas a falta de concreção histórica²¹⁵. Falar de Jesus sem sua história é anular sua humanidade. Tudo o que Jesus experiencia enquanto humano é positividade, mesmo quando são limitações segundo a natureza. Citando K. Ranher para demonstrar essa positividade, Sobrino afirma que “para o homem histórico e, portanto, também para Jesus, é melhor esse ‘errar’ que o saber tudo de antemão”²¹⁶. A resistência em aceitar o humano em Jesus vem da perspectiva que o divino é perfeito, não muda, não vem a ser. Isto não acontece com Jesus, pois os próprios relatos evangélicos sublinham a crise, o sofrimento e a morte de Jesus²¹⁷.

Como consequência da concreção histórica a cruz de Jesus também encontra seu significado original, pois sem a história de Jesus a cruz é somente derramamento de sangue. De expressão de amor na defesa dos pobres e excluídos passa-se a crueldade de Deus para com seu Filho:

“não é simples derramamento de sangue, mas produto de causas históricas, expressa um modo de ser e de viver, e uma forma de relacionar-se com os seres humanos: o amor. A compreensão da soteriologia irá depender, e será muito diferente, conforme a cruz for vista como natureza ou como história”²¹⁸.

²¹⁴ Cf. Id., *Jesus na América Latina*, pp. 52-54.

²¹⁵ Cf. Id., *A fé em Jesus Cristo*, pp.431-461.

²¹⁶ Cf. Ibid., pp. 450-451.

²¹⁷ Cf. Ibid., p. 450.

²¹⁸ Ibid., p. 451.

A encarnação de Jesus foi real. E também sua morte. Assumindo a humanidade experienciou o que significa o sofrimento provocado pelas estruturas existentes na sociedade que crucificam vítimas inocentes. Ele mesmo foi morto por este sistema quando sinalizou para uma prática libertadora. Encarnar-se significou defender as vítimas desse antirreino. Sua vida, que estava completamente voltada para o Reino do Pai e seus destinatários, é tirada de maneira cruel e violenta. Portanto, a cruz de Jesus está intrinsecamente ligada à sua encarnação.

Assim como a cruz só pode ser compreendida conjuntamente com a encarnação, o mesmo acontece com a ressurreição. A ressurreição de Jesus só pode ser compreendida a partir dessa dinâmica relacional. “Sem a cruz a ressurreição é idealista; a utopia da ressurreição cristã só se torna real a partir da cruz”²¹⁹.

“Paradoxalmente, quanto mais se aprofunda na cruz, tanto mais se aprofunda na ressurreição, quanto mais profunda é a ‘contraesperança’ da cruz mais viva é a ‘esperança’ da ressurreição. O esquecimento da cruz é paradoxalmente o modo mais radical de descristianizar a esperança da ressurreição”²²⁰.

Sobrino dedica um capítulo do livro *A fé em Jesus Cristo* ao tema da ressurreição. A ressurreição de Jesus é analisada “a partir da *esperança das vítimas*, - com a correlativa revelação de Deus como o Deus das vítimas – e levando em conta a possibilidade de *viver já como ressuscitados nas condições da existência histórica*”²²¹. A partir dos crucificados da história Sobrino concretiza cristãmente alguns aspectos da ressurreição de Jesus²²², pois são eles “que oferecem a ótica privilegiada para captar de maneira cristã a ressurreição de Jesus e fazer uma apresentação cristã dela”²²³. Encontramos também esta perspectiva diluída em diversos artigos seus²²⁴.

O ponto fundamental de nosso primeiro capítulo foi a tentativa de compreensão das causas históricas da morte de Jesus, ou melhor, entender por que matam Jesus. Tendo isto como pressuposto a proclamação da morte de Jesus será feita a partir de seu sentido original. O mesmo acontecerá com o

²¹⁹ Id., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 193.

²²⁰ Ibid., p. 240.

²²¹ Id., *A fé em Jesus Cristo*, p. 9.

²²² Cf. Id., *Jesus na América Latina*, pp. 216-217.

²²³ Ibid., p. 217.

²²⁴ Cf. Id., *Jesus na América Latina*, pp. 216-229; Id., *Fora dos pobres não há salvação*, pp. 147-159.

anúncio da ressurreição. Corre-se o risco de proclamar o *poder* de Deus, isto é, sua onipotência diante da morte, e esquecer-se da *justiça* de Deus²²⁵.

A morte é o destino de qualquer ser humano e o anseio de imortalidade, uma esperança. A ressurreição tornou-se essa esperança contrária à morte, isto é, uma expectativa de voltar à vida. O Novo Testamento apresenta nas primeiras pregações cristãs a ressurreição como uma vitória de Deus sobre a morte. Com isso universalizou-se a esperança na ressurreição a partir do poder de Deus. Ao acentuar o poder de Deus não é destacado *quem* foi ressuscitado por Deus, como podemos conferir em Atos 2,24: “Vós, por mão dos pagãos, o matastes... na cruz. Mas Deus o ressuscitou, rompendo as ataduras da morte”. Deus ressuscitou Jesus, mas o fato de Deus ter ressuscitado Jesus não elimina quem foi Jesus de Nazaré. Deus ressuscita um crucificado. E por que foi crucificado? Porque sua vida foi uma entrega amorosa em defesa da vida das vítimas. É propriamente o Novo Testamento que relata a práxis de Jesus. Ele anuncia o reino do Pai, fica ao lado dos pecadores e excluídos, entra em conflito com as autoridades quando defende as vítimas de um sistema opressor, é obediente ao Pai e tudo faz por meio Dele. Por isso foi perseguido e executado. A vida doada de Jesus em defesa da vida o leva à morte. Porém, é a este mesmo Jesus que Deus ressuscita. A ação de Deus de ressuscitar o Filho não é mera expressão de sua onipotência, mas uma resposta de Deus à ação criminosa e injusta pela qual Jesus passou. A ressurreição é o triunfo da justiça de Deus sobre a injustiça dos seres humanos²²⁶.

“Ressurreição diz, portanto, antes de qualquer coisa, fazer justiça a uma vítima, não só reviver um cadáver, por mais que isto seja seu pressuposto lógico. Remete não simplesmente a uma morte, mas a uma cruz; não simplesmente a mortos, mas a vítimas; não simplesmente a um poder, mas a uma justiça”²²⁷.

A ressurreição não é a mera expectativa de voltar à existência, de vida além da morte, mas “é fazer justiça a uma vítima, é esperança de que o verdugo não triunfará sobre elas e de que nós podemos participar nessa esperança”²²⁸, visto que “seria um grave erro pretender referir-se à ressurreição de Jesus em seu último estágio, sem percorrer as mesmas etapas históricas que Jesus percorreu”²²⁹. Podemos confirmar a mesma perspectiva em outros teólogos latino-americanos. Gustavo Gutiérrez diz que “a esperança da ressurreição não

²²⁵ Cf. Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 150.

²²⁶ Cf. Id., *Jesus na América Latina*, p. 217.

²²⁷ Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 150.

²²⁸ Id., *A fé em Jesus Cristo*, p. 453.

²²⁹ Id., O ressuscitado é o crucificado. Leitura da ressurreição de Jesus a partir dos crucificados do mundo, p. 73. In: AMERÍNDIA (Org.), *Globalizar a esperança*, pp. 63-78.

significa, de modo algum, fuga da história concreta. Ao contrário, leva a redobrar os esforços na luta contra o que essa morte injusta traz²³⁰. Para Leonardo Boff “assim como a morte e a cruz são consequência de um tipo de vida levada por Jesus, assim também a ressurreição significa a plenificação de um sentido e de uma vida realizados pelo Jesus terrestre”²³¹.

Na análise de textos dos dois Testamentos referentes à ação libertadora de Deus em relação às vítimas, Sobrino verifica que apresentam um novo rosto de Deus: um Deus justo, parcial e libertador das vítimas²³². Deus se revela no Êxodo como o Deus libertador. Diante do sofrimento do povo Deus age com misericórdia, isto é, faz justiça às vítimas, que neste caso foi todo o povo oprimido. Pode-se afirmar, então, que assim como “no princípio era a palavra” (Jo 1,1) também se deve dizer que “no princípio era a misericórdia para com as vítimas, a libertação” (Ex 3). Essa misericórdia de Deus perpassa toda a História da salvação, na qual reage em favor das vítimas. A ação de Deus de ressuscitar Jesus também é uma ação libertadora, pois faz justiça a uma vítima²³³.

A ressurreição deve ser compreendida a partir do pressuposto que “o ressuscitado não é outro senão o Jesus de Nazaré crucificado”²³⁴. “O ressuscitado é o crucificado”²³⁵. Admitir e recordar isso é aceitar a verdade e ser honesto com o Novo Testamento e com a realidade de milhões de homens e mulheres crucificados.

Como resposta ao destino cruel a que Jesus é submetido encontramos diversas leituras e a mais conhecida é que Deus não deixou seu Filho entregue a morte porque o ressuscitou. O amor pelo Filho foi maior do que a morte. O que Sobrino enfatiza é que esse tipo de afirmação não exclui a pergunta sobre o porquê Deus permitiu uma morte tão violenta para seu Filho, ou ainda, sobre por que “até o Filho de Deus chegou a ser vítima do pecado deste mundo”²³⁶.

A ressurreição só é compreensível à luz do crucificado, portanto é preciso primeiramente encarar o escândalo da cruz sem querer imediatamente resolvê-lo eliminando-o ou dissolvendo-o a partir da ressurreição como solução²³⁷. A cruz é o que torna cristã a ressurreição de Jesus e deste modo é necessário manter o escândalo da cruz para se conceber a um Deus cristão, o Pai de Jesus²³⁸.

²³⁰ GUTIÉRREZ, G., *Beber em seu próprio poço*, p. 145.

²³¹ BOFF, L., *Do lugar do pobre*, p. 142.

²³² Cf. SOBRINO, J., *A Fé em Jesus Cristo*, pp. 127-135.

²³³ Cf. *Ibid.*, p. 132.

²³⁴ *Id.*, *Jesus na América Latina*, p. 216.

²³⁵ *Ibid.*, p. 227. Título do artigo.

²³⁶ *Id.*, *Jesus, o libertador*, p. 338.

²³⁷ Cf. *Ibid.*, p. 339.

²³⁸ Cf. *Id.*, *Cristologia a partir da América Latina*, p. 243.

A ressurreição de Jesus revela quem é Deus e quem é Jesus: “Deus ressuscitou um crucificado, e desde então há esperança para os crucificados da história”²³⁹, pois Deus mostra-se como aquele que pode chamar à vida o que não é, e também como amor e esperança a tudo o que é pequeno, aniquilado e condenado à morte²⁴⁰.

A raiz de toda esta esperança é cristológica: o povo crucificado acredita em Jesus Cristo ressuscitado, em quem vê uma antecipação e uma promessa de sua própria ressurreição. Essa é a origem inexplicável de sua capacidade de criar utopias sociais e de recriar o tecido das relações sociais, vivendo com as portas abertas, com um coração sem fronteiras, com uma solidariedade e responsabilidade pela vida, que parece não ter limite²⁴¹.

A ressurreição de Jesus faz-nos perguntar pela nossa vida futura, pois se há esperança para os crucificados da história o que acontecerá com os não crucificados, não pobres, não vítimas? Como a ressurreição pode ser universalizada? A resposta de Sobrino é radical: “do ponto de vista qualitativo, a ressurreição de Jesus converte-se em símbolo universal de esperança na medida em que todos os homens participam de alguma maneira da crucificação”²⁴². Participar de alguma forma da crucificação é participar da realidade das vítimas como Jesus o fez, a ponto de a própria vida ser entregue por amor aos pobres, aos desvalidos, aos excluídos, ou seja, aos que são vítimas da injustiça. Assim, a vida das não vítimas será análoga de alguma maneira à de Jesus. Segundo Sobrino a comunidade na vida e destino de Jesus é o que dá esperança de que se realize nas não vítimas o que se realizou em Jesus. E quando as não vítimas tentam superar praxicamente as injustiças pelas quais as vítimas sofrem lhes dão esperança de enfrentar já no presente a morte²⁴³.

Vimos como se dá a inter-relação encarnação-morte-ressurreição e a presença do Pai na encarnação e na ressurreição de Jesus. A pergunta pela presença de Deus na cruz permanece, pois “na cruz aparece diretamente o silêncio, a inação e – a partir daí – a impotência ou ao menos a inoperatividade de Deus”²⁴⁴. Objetivamos nos pontos seguintes apresentar a visão sobriniana da temática em questão.

²³⁹ Cf. Id., *Jesus na América Latina*, p. 220.

²⁴⁰ Cf. Ibid., p. 32.

²⁴¹ GALLARDO, C.B., Povo crucificado, povo de mártires e de esperança, p. 432. In: Beozzo, J. O., et al., *Vida clamor e esperança*, pp. 423-433.

²⁴² SOBRINO, J., O ressuscitado é o crucificado, da ressurreição de Jesus a partir dos crucificados do mundo, p. 73. In: AMERÍNDIA (org.), *Globalizar a esperança*, pp. 63-78.

²⁴³ Cf. Id., Diante da ressurreição de um crucificado - uma esperança, um modo de viver, p. 102. In: CONCILIIUM, *A ressurreição dos mortos*, 318, 2006-5, pp. 96-107.

²⁴⁴ Id., *A fé em Jesus Cristo*, p.139.)

2.2.

Cruz e silêncio de Deus

A cruz de Jesus é em si mesma um escândalo, pois faz saltar aos olhos o assassinato do inocente Filho de Deus. As narrativas evangélicas demonstram como foi esse assassinato e a crueldade da qual Jesus foi vítima. Além disso, apresentam o abandono que Jesus sente em relação ao Pai na cruz. Portanto, a cruz evidencia um duplo escândalo: o assassinato do Filho e o abandono do Pai.

Segundo Sobrino, o mais difícil de aceitar é o fato de o Pai ter estado passivo na cruz. Deus é concebido normalmente como poderoso, portanto considerar sua passividade na cruz é uma grande dificuldade²⁴⁵.

Sobrino enfatiza que a morte de Jesus é descrita como uma tragédia. Jesus não vai à morte alegremente, cheio de entusiasmo ou cantando como posteriormente faziam os mártires cristãos. Outras narrativas de mortes de lideranças relatam que estes sabem que mesmo morrendo a sua causa prosseguirá, por isso vão à morte com confiança e seus sofrimentos físicos e psíquicos são secundários²⁴⁶. Jesus experimenta a morte, mas também a morte de sua causa. Assim, Sobrino destaca três elementos típicos da morte de Jesus: a mensagem de Jesus da proximidade de Deus, seu grito na cruz e o abandono do Pai²⁴⁷.

Com uma longa citação de Moltmann, Sobrino enfatiza que Jesus pregou a proximidade de Deus como aproximação em graça aos sem-Deus e aos que a lei separava, aos marginalizados e rejeitados²⁴⁸. Deus se faz próximo àquele que sofre porque Ele é amor. Jesus experimenta o abandono desse Deus. Aparece aqui uma primeira descontinuidade entre a expectativa de Jesus em relação a Deus e sua aparente ausência na cruz. Nasce então a pergunta por Deus: Como compreender a ausência ou presença de Deus na cruz? Como compreender este Deus que Jesus apresenta como Pai?

As palavras de Jesus na cruz que apontam para a realidade de Deus e o sentido de abandono que experiencia são analisadas por Sobrino. Antes de tudo ele destaca que é difícil determinar quais foram as últimas palavras de Jesus, mesmo porque provavelmente Jesus teria morrido por asfixia, assim não foi possível serem pronunciadas e escutadas com clareza²⁴⁹. Fundamentado em X.

²⁴⁵ Cf. Id., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 203.

²⁴⁶ Cf. Id., *Jesus, o libertador*, p. 345.

²⁴⁷ Id., *Cristologia a partir da América Latina*, p.228.

²⁴⁸ Cf. *Ibid.*, p.228.

²⁴⁹ Cf. Id., *Jesus, o libertador*, p. 342.

L. Dufour, Sobrino afirma que o mais provável é que Jesus tenha dado o “grande grito” (Mc 15,37; Mt 27,50; Lc 23,46; em João não há grito: “inclinando a cabeça, entregou o espírito” Jo 19,30) e os evangelistas podem ter escrito “o resultado das concreções que a comunidade primitiva fez de um grito sem palavras”²⁵⁰.

Encontramos em Mc 15,34 e também em Mt 27,46 o início do Salmo 22: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. Em Lc 23,46 Jesus diz: “Pai em tuas mãos entrego meu espírito” (Sl 6, 31). Em Jo 19,30 Jesus diz: “Tudo está consumado”.

Marcos provavelmente seja a interpretação mais próxima da morte de Jesus, pois a narra de uma forma não triunfalista. Apresentar Jesus que morre abandonado pelo Pai não era algo fácil de aceitar. Lucas e João tentam suavizar a tragédia da morte de Jesus, enquanto que em outros escritos do Novo Testamento, como na teologia paulina, por exemplo, Jesus morre como maldito, feito pecado, entregue pelo Pai, e em Hebreus, Jesus aparece com grandes gemidos e lágrimas.

Na época patrística esse grito foi interpretado de diversos modos²⁵¹, amenizando a “parcela de culpa” de Deus por ter abandonado o Filho.

Com tudo isso, Sobrino enfatiza o quanto é difícil sustentar o abandono de Deus na cruz de Jesus. Porém, a narrativa de Mc é para ele a mais adequada, pois expressa melhor o ponto mais trágico da morte de Jesus que foi a descontinuidade com sua vida.

Sobrino defende que durante sua vida, Jesus anunciou o reino, esteve a serviço da sua chegada, pois tinha a convicção que este estava próximo. Em nenhum momento na cruz aparece essa proximidade do reino ou algum pensamento ou palavras de Jesus acerca do reino. Por isso pode-se falar em descontinuidade com sua vida. Não é somente Jesus quem morre, mas também a sua causa. Além disso, há uma descontinuidade maior ainda em relação ao seu Pai. Durante toda a vida Jesus revela sua proximidade com o Pai e teve de ir aprendendo o que no Pai há de mistério. Porém, na cruz essa proximidade desaparece. Jesus não faz a experiência do Pai bondoso²⁵². Jesus experiencia uma solidão histórica na cruz: está sem o Pai e sem os discípulos, que o traíram e o abandonaram.

Para Sobrino é difícil, ou quase impossível determinar com certeza qual o sentimento de Jesus em relação ao Pai na hora da morte. Para ele é mais

²⁵⁰ Cf. *Ibid.*, p.342.

²⁵¹ Cf. 1.3. deste trabalho.

²⁵² Cf. SOBRINO, J., *Jesus, o libertador*, pp. 346-347.

provável que Jesus tenha vivido uma desolação teológica do que uma consolação, isto é, de Deus se escuta muito mais o silêncio do que uma palavra de proximidade.

Assim, a questão continua: onde está Deus no momento da crucificação do seu Filho? É o que tentaremos apresentar a seguir seguindo a reflexão de Sobrino.

2.3.

A originalidade da fé cristã: o “Deus crucificado”

Durante sua vida Jesus revela Deus como Pai, como amor, proximidade, compaixão, misericórdia, justiça... A ressurreição de Jesus confirma todas essas imagens de Deus, pois o Pai faz justiça ao Filho crucificado inocentemente. A reflexão anterior sobre o sentido do silêncio de Deus na cruz de Jesus nos faz perguntar qual a imagem de Deus que a cruz revela, visto que tais imagens de Deus reveladas pela vida e ressurreição de Jesus ficam ofuscadas pelo abandono do Pai que transparece na morte de Jesus.

A cruz é imposta ao Filho de Deus. Deus não faz nem diz nada na cruz de Jesus, deixa simplesmente que a morte do Filho aconteça, isto é, não intervém neste assassinato. Deparamo-nos, então, segundo Sobrino, com um gravíssimo problema: como o não fazer, o não dizer, o silêncio e o abandono de Deus na cruz de Jesus podem revelar algo de Deus?²⁵³.

Jesus experimenta a dor e o sofrimento. E como ele uma multidão de pessoas. A partir do sofrimento e da dor o ser humano pergunta por Deus: “Como um Deus bom, justo, todo-poderoso pode permitir, por exemplo, que uma criança inocente sofra?”. É uma contradição em relação à imagem de Deus que temos.

Na modernidade o sofrimento tornou-se a rocha do ateísmo. Moingt²⁵⁴ sistematiza a reflexão acerca do anúncio do movimento filosófico da morte de Deus, sublinhando de modo particular a realidade europeia onde a secularização e o ateísmo moderno, por não perceberem a presença de Deus em meio a tanto sofrimento, questionam o cristianismo. Diante de um mundo cheio de sofrimento humano, vivenciado pela coletividade, a crença em um Deus justo, bom e

²⁵³ Cf. *Ibid.*, pp. 348-349.

²⁵⁴ Cf. MOINGT, J., *Dios que viene al hombre: del duelo al desvelamiento de Dios*. Salamanca: Edições Sígueme, 2007.

poderoso só poderia ser desconsiderada. Devido a todo sofrimento trazido pela ganância, pelas guerras e por tantas outras formas causadas pelos próprios seres humanos nos perguntamos: “Por que Deus permite tudo isso?”, ou ainda, “por que ele não intervém na história?”.

O sofrimento humano questiona a onipotência de Deus, porém o que compreendemos por onipotência como atributo de Deus não condiz com aquilo que de fato é. Deus é onipotente no amor. Quem ama conseqüentemente está aberto ao sofrimento. Se Deus é assim, Ele é diferente do Deus apático que a metafísica apresenta. Portanto, faz-se, então, necessária uma “passagem de um Deus estático, apático (que não sofre), para um Deus vivo, patético (que tem *phatos* e pode sofrer)”²⁵⁵. Como já aludimos em nosso primeiro capítulo, Moltmann sistematiza essa passagem onde Deus é apresentado como o “Deus crucificado”. A partir da cruz de Jesus Moltmann apresenta como o sofrimento afeta o próprio Deus. Na continuidade de sua reflexão, Moltmann situa o sofrimento na questão da teodiceia e desenvolve uma doutrina da *teopatia*:

Deus e sofrimento se pertencem mutuamente, da mesma forma como, nesta vida, o grito de Deus e o sofrimento experimentado na dor se pertencem. A questão de Deus e a questão do sofrimento são uma só questão. A sua resposta da mesma forma é uma só; ou então, nenhuma das duas encontra resposta satisfatória. Neste mundo ninguém consegue resolver a questão da teodiceia, mas também ninguém consegue removê-la. Viver neste mundo significa conviver com essa questão aberta e voltar-se para o futuro, onde a busca de Deus será preenchida, o sofrimento superado e o que foi perdido será recuperado²⁵⁶.

A reflexão de Sobrino sobre a temática em questão, Deus e sofrimento, apresenta uma forte influência de Moltmann, como ele próprio afirma. Porém, no capítulo IX de *Jesus, o libertador*, que tem como subtítulo o “Deus crucificado”, Sobrino afirma que sua reflexão é muito pessoal, embora admita que como em qualquer outra cristologia haja mais influência de uma tradição do que outra. As palavras de S. Paulo, de Lutero, de Balthasar ou de Moltmann são de suma importância para conceitualizar a cruz, mas quando se vive o escândalo da cruz na cotidianidade da história essa realidade é suficiente para captar o escândalo da cruz de Jesus. Portanto, sua reflexão é influenciada principalmente pela própria realidade crucificada²⁵⁷.

²⁵⁵ BOFF, L., *Paixão de Cristo, paixão do mundo*, p.138.

²⁵⁶ Cf. MOLTMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, pp.39-66.

²⁵⁷ Cf. SOBRINO, J., *Jesus, o libertador*, p.341.

A cruz desfaz todas as imagens que temos de Deus. Não é uma imagem que a cruz revela, pois ela não é resposta, mas uma nova forma de perguntar por Deus²⁵⁸.

A cruz, porém, acrescenta que qualquer imagem que quiséssemos fazer de Deus não teria sentido, pois a cruz é o fim de toda imagem, é o cumprimento *in actu* do segundo mandamento. Nela não aparece nada do que se costuma fazer passar por divino. Mas, além disso, na cruz não só não há imagem, como nem sequer há palavra: só há silêncio de Deus. Deus não se mostra interpelando positivamente, mas em silêncio. Sua imagem e sua palavra possuem na cruz uma qualidade não pensada e, por isso, sua transcendência precisa ser reformulada²⁵⁹.

A cruz leva à pergunta por Deus. Diante do sofrimento e do abandono do Filho podemos nos perguntar o que a cruz revela de Deus, quem é e onde está Deus. Na Escritura Deus aparece como aquele que *faz* e *diz* na história, isto é, defende as vítimas, liberta o povo, e por isso as imagens reveladas são de um Deus libertador, Deus salvador, Deus próximo, Deus das vítimas...²⁶⁰. Segundo Sobrino, a cruz revela que “o Pai está na cruz sofrendo junto com Jesus”²⁶¹. À primeira vista tal afirmação parece-nos heresia se pensarmos que o Pai também morre na cruz, por isso, é preciso uma maior compreensão do que é afirmado na tese de Sobrino.

Para chegarmos ao núcleo da reflexão de Sobrino, acerca da revelação que a cruz nos apresenta, de um Deus que sofre a morte do Filho, recordemos antes que o Novo Testamento vê a cruz de Jesus como salvífica e utiliza diversos modelos soteriológicos para explicar como nela se dá a salvação²⁶². Daqui podemos tirar conclusões precipitadas como a cruz querida por Deus. Se assim for, a imagem revelada na cruz é de um Deus sanguinário, que precisa de sangue para aplacar sua ira, perdoar nossos pecados e nos salvar. A imagem de Deus como salvador seria muito limitada nesta perspectiva, pois para nos demonstrar seu amor, utiliza o sacrifício pelo sacrifício. Porém não é isto que o NT afirma. O NT acentua que o sacrifício de Jesus foi aceito por Deus porque “Jesus foi agradável a Deus, e por isso foi aceito por Deus”²⁶³. E Jesus foi agradável a Deus porque amou até o fim. Toda a vida de Jesus foi revelação do amor.

²⁵⁸ Cf. Id., *Cristologia a partir da América Latina*, p.232.

²⁵⁹ Id., *Jesus, o libertador*, p. 359.

²⁶⁰ Cf. *Ibid.*, p. 348.

²⁶¹ Cf. *ibid.*, p.351.

²⁶² Cf. 1.2 do nosso trabalho.

²⁶³ SOBRINO, J., *op. cit.*, p. 332.

O amor de Deus aos seres humanos é expresso na cruz. Em Jesus, Deus revela o seu amor pela humanidade: “Deus amou tanto o mundo que entregou seu Filho” (Jo, 3,16), “O amor de Deus para conosco se manifestou por ter enviado ao mundo seu filho unigênito” (1 Jo 4,9), “Aquele que não poupou o próprio Filho, como não nos dará também todas as coisas?” (Rm 8,32). Podemos haurir desta linguagem neotestamentária que o amor de Deus por nós não tem limites, nem mesmo o poupar o próprio Filho.

Estamos certamente diante de um amor crível, porém impotente: Deus nos ama, mas não impede a morte do Filho. Muitos questionamentos sobre a onipotência de Deus são levantados em relação à cruz: por que Deus não age? Por que permite que o Filho morra tão violentamente? E mais ainda: por que o abandona? Portanto, a cruz questiona as imagens que temos de Deus. Restamos a pergunta: por que Deus utiliza esta forma para demonstrar seu amor e não outra?²⁶⁴. Chegamos então ao núcleo da questão: torna-se necessária uma nova compreensão do conceito de Deus, que Sobrino justifica a partir do pensamento de Moltmann:

“Compreender a Deus no crucificado, abandonado por Deus, exige uma ‘revolução no conceito de Deus...’ diante do grito de morte de Jesus para Deus ou a teologia se torna impossível ou se torna possível só como teologia especificamente cristã”²⁶⁵.

Em relação à nova compreensão de Deus a partir da cruz, Sobrino adota a expressão o “Deus crucificado”. Ele é radical ao afirmar que na cruz de Jesus o próprio Deus está crucificado. O “Deus crucificado” é para Sobrino um novo e revolucionário conceito de Deus tanto na teoria como na prática²⁶⁶, embora seja um conceito mais prático do que teórico. Certamente encontramos aqui resquícios de uma forte influência de Moltmann, porém uma reflexão inegavelmente pessoal que revela e expõe em que Deus Sobrino crê e sua própria experiência de encarnação no mundo dos crucificados da história.

Ao manter viva a memória de Jesus crucificado, surge a pergunta por Deus, e segundo Sobrino, é insubstituível chamar esse Deus de o “Deus crucificado”.

Sobrino foi marcado pela tragédia do assassinato de seus irmãos jesuítas e pelo massacre do povo salvadorenho. A partir desta experiência pessoal, ele vê a participação real de Deus na paixão do mundo:

²⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 338.

²⁶⁵ Cf. *Id.*, *Cristologia a partir da América Latina*, p. 229.

²⁶⁶ *Ibid.*, p.192.

E nos seja permitido dizer isso com uma experiência muito pessoal. Quando no dia 16 de novembro de 1989 foram assassinados, fora de casa, os jesuítas da UCA, o corpo de P. Juan Ramón Moreno foi arrastado para o interior da residência para um dos quartos – o meu. Ao ser transportado caiu um único livro da estante da casa e ficou embebido com o sangue de Juan Ramón. Esse livro era *El Dios crucificado*. Um símbolo naturalmente, mas que expressa o que quer dizer neste capítulo: a participação real de Deus na paixão do mundo²⁶⁷.

Segundo Sobrino, tenham sido pronunciadas ou não, as palavras de Jesus “por que me abandonaste?” se tornaram lugar para tratar o problema da relação entre Deus e o sofrimento²⁶⁸. O sentido do sofrimento é difícil de ser compreendido tanto pela razão humana quanto pela fé.

Encontramos correntes teológicas divergentes. De um lado se afirma que não se pode justificar o sofrimento colocando-o em Deus, seja como desígnio divino, seja como Deus presente no sofrimento. De outro lado, Urs Von Baltashar e Moltmann veem Deus tal qual Ele é e veem que o sofrimento afeta o próprio Deus. O sofrimento é um modo de ser de Deus.

Diante do sofrimento Deus “não faz nada” assim como os seres humanos esperariam que fizesse. O inesperado e novo para nós é, antes, que ele também participa do sofrimento. Deus, portanto, nem tira nem dá explicação e sentido ao sofrimento. A única coisa que a cruz diria é que o próprio Deus carrega o sofrimento, e – para quem aceitar de maneira crente sua presença na cruz de Jesus – que é preciso carregá-lo²⁶⁹.

Segundo Sobrino, não é fácil formular (o que não é explicar) o que é o sofrimento em Deus ou como o sofrimento afeta Deus. O NT não apresenta formulações sobre o sofrimento de Deus, portanto falar do sofrimento em Deus é reflexão teológica, mas não arbitrária.

O ponto de partida de tal reflexão é a afirmação de que Deus estava na cruz de Jesus. Paulo afirma que Deus estava na cruz de Jesus (2Cor 5,19) e Marcos destaca a confissão do centurião: “verdadeiramente este homem era Filho de Deus (15,39)”. Se Deus se faz presente na cruz de Jesus, também sofre de alguma maneira. Sobrino afirma que Deus estava presente na cruz de Jesus porque estava presente em todas as ações e momentos da vida de Jesus: Deus esteve presente nas obras bondosas de Jesus, nos seus atos de perdão, na acolhida aos pecadores e marginalizados e em sua ressurreição. Assim, se

²⁶⁷ Id., *Jesus, o libertador*, p.341.

²⁶⁸ Cf. Ibid., p. 349. Ao falar de Deus perante o sofrimento, em *Jesus, o Libertador*, Sobrino segue e comenta a exposição de Leonardo Boff.

²⁶⁹ Ibid., p.351.

Deus se faz presente em todas essas realidades históricas podemos afirmar que Deus também estava presente na cruz de Jesus²⁷⁰.

Jesus revela um Deus que não é apático, diferentemente dos deuses gregos, portanto não será justamente na cruz que ele se tornará. O próprio Deus está crucificado na cruz de Jesus, pois o Pai sofre a morte do Filho e assumindo em si a dor torna-se solidário com todos os seres humanos²⁷¹. Deus participa de nossa história, é um Deus encarnado. Seu amor não é idealístico, platônico, mas real, experiencial, pois a cruz revela esse amor. “A partir da cruz a definição de Deus como amor chega à sua última concretização”²⁷².

O silêncio de Deus na cruz, que tanto escândalo causa à razão natural e à razão moderna, não causa o mesmo escândalo aos crucificados, pois estes têm interesse em saber se Deus esteve também na cruz com Jesus. Se assim é, consumou-se a proximidade de Deus com relação aos homens, iniciada na encarnação, anunciada e tornada presente por Jesus durante a sua vida terrena²⁷³.

O Deus que se encarnou na história assumiu até as últimas consequências o deixar-se afetar pela própria história e pela lei do pecado que mata. Portanto a cruz não foi um desígnio arbitrário de Deus, mas consequência da encarnação. Encarnar-se significa a aproximação radical com amor e por amor e isto significa também a aceitação do sofrimento por parte de Deus²⁷⁴.

O sofrimento de Deus, então, pode e deve ser afirmado pela teologia. Mas a teologia, quando afirma isso, está bem consciente de que o sofrimento em Deus, não é, como em nós, fruto da imperfeição, da carência, ou qualquer outra coisa semelhante, e menos ainda, do pecado. Em Deus, ao contrário, o sofrimento é amor, feito de atividade e passividade. Num mundo de pecado e violência, o amor não pode matar e destruir, sem ao mesmo tempo se desmentir a si mesmo como amor. Resta, por isso, ao amor, somente morrer. O amor só pode sofrer, morrer, resistir. Cada vez que a justiça é violada, o amor sofre. Diante do sofrimento do inocente, não há outro lugar para o amor, não há outro lugar para Deus, senão mergulhar no meio daquele sofrimento, ao lado do mais fraco, do oprimido, sofrendo com ele²⁷⁵.

O “Deus crucificado” equivale à expressão “Deus solidário”. O sofrimento de Deus na cruz revela sua solidariedade com aqueles que sofrem. “Deus sofre para que o homem viva e esta é a expressão mais acabada do amor”²⁷⁶. Deus sofre na cruz de Jesus e nas das vítimas desde mundo, visto que é testemunha

²⁷⁰ Cf. *Ibid.*, p. 353.

²⁷¹ Cf. *Id.*, *Cristologia a partir da América Latina*, p.234.

²⁷² *Ibid.*, p. 235.

²⁷³ Cf. *Id.*, *Jesus na América Latina*, p. 222.

²⁷⁴ Cf. *Id.*, *Jesus, o libertador*, p. 354.

²⁷⁵ BINGEMER, M. C.; FELLER, V. G., *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*, p. 89.

²⁷⁶ *Id.*, *Cristologia a partir da América Latina*, p. 236.

inativo e silencioso delas²⁷⁷. A solidariedade é fruto da encarnação, da participação plena na história marcada pelo bem e pelo mal. Se Deus é um Deus conosco, conosco está em todos os momentos. Para compreendermos melhor a ligação entre solidariedade e encarnação Sobrino cita a resposta de D. Oscar Romero ao receber a proposta do governo de dar segurança pessoal a ele: “O pastor não quer segurança enquanto não derem segurança ao seu rebanho”²⁷⁸.

A cruz não revela diretamente uma imagem de Deus, mas sua inação e seu sofrimento. Estamos habituados a relacionar Deus com o positivo, por isso, ao ser associado a Deus, o sofrimento é ignorado ou é visto como escândalo. Sobrino enfatiza que é necessário situar o mais adequadamente possível a revelação de Deus na cruz junto com os outros momentos revelatórios na história. E mais ainda, não absolutizar um e desvalorizar outro, pois estamos diante do mistério de Deus²⁷⁹. “Só no final Deus se revelará como pura positividade e como totalidade, enquanto que na história sua revelação passa pelo fragmentário e pela negatividade”²⁸⁰. Sobrino desenvolve três pontos relevantes para conhecer Deus na cruz: a reformulação da transcendência de Deus, a insuficiência de qualquer teologia natural para conhecer a Deus e as vítimas como lugar de revelação de Deus²⁸¹.

Primeiramente, Sobrino acentua que o “homem religioso” sempre usou a palavra “mais” para indicar a transcendência de Deus, isto é, este “mais” corresponde a um Deus “maior”. A cruz questiona esse conceito, pois o pequeno, o menor, também pode ser mediação de Deus. Acolher que Deus se manifesta também no fragmentário e na negatividade é reformular nossos conceitos de Deus:

“Deus está também no pequeno, no sofrimento, na negatividade. Ao Deus ‘maior’ é preciso acrescentar o Deus ‘menor’. E a transcendência de Deus se expressa agora precisamente em manter a simultaneidade da grandeza e da pequenez de Deus”²⁸².

Todo o processo da morte de Jesus é apresentado por Sobrino de forma duelística, isto é, ele utiliza a analogia de um duelo para expressar que se encontram em luta duas divindades, dois mediadores e duas mediações²⁸³. Com a morte de Jesus, Deus perde a luta e com essa perda se exige um repensar da

²⁷⁷ Cf. Id., *Jesus, o libertador*, p. 354.

²⁷⁸ Cf. Ibid., p. 355.

²⁷⁹ Cf. Ibid., p. 357-358.

²⁸⁰ Ibid., p. 358.

²⁸¹ Cf. Ibid., pp. 357-365.

²⁸² Ibid., p. 359.

²⁸³ Cf. 1.1. deste trabalho.

transcendência de Deus, visto que Deus se revela como um Deus menor: “pertence ao ser maior de Deus o fato de se tornar o Deus menor”²⁸⁴.

O segundo ponto relevante é a insuficiência de qualquer teologia natural para chegar a conhecer Deus. Sobrino entende por teologia natural a tentativa de acesso a Deus a partir do positivo da realidade, seja este considerado na natureza (os gregos), no ser (Santo Tomás), na história (Hegel), ou na subjetividade humana (modernidade). A cruz de Jesus coloca em questão tal tipo de conhecimento, pois na cruz não aparece diretamente o positivo, mas o negativo da realidade.

Em si mesma a cruz é sofrimento, fracasso, morte, silêncio. Ali não há vida, nem beleza, nem poder, nem racionalidade, tudo coisas através das quais o ser humano pretende ter acesso a Deus. Se a cruz pode oferecer acesso a Deus, este há de acontecer *sub specie contrarii*, e isso significa aprender a ver poder na impotência, palavra no silêncio, vida na morte. A teologia natural – que tem acesso a Deus objetivamente só a partir do positivo do criado – mostra-se, portanto, insuficiente para conhecer Deus na cruz²⁸⁵.

Quanto ao conhecer Deus partindo do subjetivo, Sobrino destaca o princípio de Aristóteles, o qual afirma que para chegar ao conhecimento o primeiro passo é a admiração. Tal admiração produz prazer, dá paz à razão, conduz ao sossego, ao descanso, à contemplação. A cruz não produz tal admiração. Na cruz não há admiração positiva, mas sofrimento e dor. A cruz não deixa descansar, nem sossegar, pelo contrário, quem encontra Deus na cruz fica com o coração inquieto²⁸⁶, e provavelmente, não ficará na contemplação grega, mas o levará a uma práxis que será comprometida com a causa dos crucificados da história para lhes dar esperança.

Outra forma insuficiente para conhecer Deus parte da afirmação de Habermas que diz que o conhecimento sempre está movido por um interesse. Conhecer a Deus por um interesse próprio, ou melhor, como reafirmação do que gostaríamos de conhecer, é idolatria. Esta é a tese defendida por K. Barth, pois quando assim agimos, buscamos o Deus que nos agrada e nosso desejo é que nos dê respostas às nossas perguntas. Para Sobrino é preciso discernir em primeiro lugar qual é o interesse que nos move a buscar Deus. Segundo ele, há os interesses ilegítimos e os legítimos. Os interesses ilegítimos são aqueles em que se busca Deus por motivos de ganância e poder. Os interesses legítimos são os das vítimas deste mundo. Partindo desse pressuposto, Sobrino afirma veemente que a tese de Barth precisa de uma severa correção. Deus se revela

²⁸⁴ SOBRINO, J., *Jesus, o libertador*, p. 360

²⁸⁵ *Ibid.*, pp. 360-361.

²⁸⁶ *Cf. Ibid.*, p. 361.

como um Deus próximo, que é justo, que fica ao lado dos pobres e excluídos, que ressuscita. Portanto, se Deus assim se revela, as vítimas deste mundo têm o direito de imaginar para si um Deus que é seu. Porém, Sobrino conclui que em princípio os interesses podem ser legítimos ou ilegítimos, mas na cruz os interesses ilegítimos são desmascarados e os legítimos são reformados. A cruz quebra o interesse por conhecer Deus, pois ela “não é resposta à nossa pergunta por Deus, mas é pergunta radical a nós mesmos quando nos perguntamos por Deus”²⁸⁷.

Chegamos ao ponto central da temática acerca do conhecimento de Deus. Para Sobrino “o conhecimento de Deus tem sempre um lugar material e o lugar do conhecimento do Deus crucificado são as cruzes deste mundo”. As vítimas deste mundo são sacramentalmente o lugar do conhecimento de Deus, e assim são porque fazem Deus presente. Somos convidados a estar ao pé da cruz de Jesus e estar ao pé das cruzes da história para conhecer o Deus crucificado²⁸⁸.

Sobrino conclui que para conhecer Deus na cruz não há receita pronta, mas são necessárias algumas disposições interiores. Sintetizando, para conhecer Deus na cruz é preciso “permanecer com Deus na paixão”. É preciso acolher a Deus que se revela nos paradoxos “maior e menor” e “positivo e negativo”, não buscar a Deus com interesses ilegítimos, e reconhecer nos crucificados deste mundo o Deus crucificado, nos colocando à disposição para baixá-los de suas cruzes. Os crucificados deste mundo são o lugar teológico por excelência:

O povo crucificado tem um potencial estritamente teológico. A partir dele, a fé num Deus fraco toma forma, porque ele também é fraco. Pode-se aceitar ou não esse Deus, mas, se ele for aceito, esses povos crucificados são o lugar mais adequado para a fé nesse Deus. E se for aceito esse Deus, tampouco se poderá evitar usar, de algum modo, a linguagem de um “Deus crucificado”; Deus não estava apenas pontualmente na cruz de Jesus reconciliando o mundo, mas continua presente nas cruzes da história²⁸⁹.

²⁸⁷ Cf. Id., *Jesus, o libertador*, p. 362. Ao concluir o pensamento sobre o interesse como primeiro motor para conhecer Deus, Sobrino cita e faz uma hermenêutica de dois versos de D. Bonhoeffer que apresentam como a cruz quebra nosso interesse por conhecer Deus.

²⁸⁸ Cf. Ibid., p. 363-364.

²⁸⁹ Id., *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*, p.19. In: CONCILIUM, *Repensando o Martírio*, 299, 2003-1, pp.12-21.

2.4. Do “Deus crucificado” aos “povos crucificados”

Anteriormente procuramos pontuar a abordagem de Sobrino sobre o “Deus crucificado”. Pudemos notar o quanto sua reflexão alcança maior desdobramento que a reflexão inicial de Moltmann²⁹⁰ no que se refere à historização, pois as vítimas deste mundo são vistas como revelação do “Deus crucificado”.

Na Europa a reflexão teológica ganhou novo influxo com a realidade das guerras, do holocausto, que o povo experienciou. Devido a essa realidade cunhou-se a expressão “como falar de Deus depois de Auschwitz”. Na América Latina se costuma dizer que “se faz teologia em Auschwitz”. O holocausto é diário, embora o regime militar esteja extinto, a pobreza e a miséria continuam presentes aqui e em muitos outros países do chamado Terceiro Mundo, porém camuflada com uma nova roupagem trazida pela globalização, que aumentou ainda mais o número de excluídos. O poema de D. Pedro Casaldáliga “*Dentro de Auschwitz*”, citado por Sobrino, acentua sua perspectiva ao teologizar sobre “Deus crucificado”:

Como falar de Deus depois de Auschwitz?,
vos perguntais vós,
aí, do outro lado do mar, na abundância.
Como falar de Deus dentro de Auschwitz?,
perguntam-se aqui os companheiros,
cheios de razão, de pranto e de sangue
metidos na morte diária de milhões...²⁹¹

Do “Deus crucificado” Sobrino passa aos “povos crucificados”. A expressão “povos crucificados” é utilizada por ele para apresentar as vítimas existentes nos países do Terceiro Mundo. Porém, não são apenas corpos individuais, mas eclesiologicamente falando, são o corpo de Cristo, povo de Deus. E este corpo encontra-se crucificado na história:

“Cristo tem um corpo que o torna presente na história, e por isso é preciso perguntar se esse corpo está crucificado, que parte desse corpo está crucificada e se a crucificação desse corpo é a presença de Cristo crucificada na história”²⁹².

²⁹⁰ Referimo-nos aqui à obra *El Dios crucificado* (Der gekreuzigte Gott). Nas obras posteriores já aparece uma maior historização.

²⁹¹ SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*, p. 365.

²⁹² *Ibid.*, p. 366.

Em *Jesus, o libertador* Sobrino desenvolve um capítulo específico sobre o “povo crucificado”, trazendo para a cristologia uma nova perspectiva. Este capítulo não aparece no livro anterior *Cristologia a partir da América Latina*. Podemos encontrar a temática do “povo crucificado” em diversos artigos de Sobrino, mas sua originalidade é inserir na cristologia os “povos crucificados” como *corpo de Cristo crucificado na história*.

Segundo Sobrino, o pioneiro em teologizar os povos do Terceiro Mundo como povos crucificados foi um de seus companheiros jesuítas assassinado na UCA, I. Ellacuría. Encontramos no capítulo anteriormente mencionado e em outros artigos, diversas citações de textos de Ellacuría. Com isso, podemos notar a forte influência de seu pensamento em Sobrino. Em *Fora dos pobres não há salvação*, de 2007, é o próprio Sobrino que confirma tal influência ao abordar no primeiro artigo da obra mencionada dois pontos fundamentais da reflexão de Ellacuría: o povo crucificado e a civilização da pobreza²⁹³. A originalidade de Ellacuría ao refletir sobre os povos crucificados consiste em tirar da negatividade (que é a própria situação em que o povo vive) a positividade (a salvação histórica que o povo traz), e isto haurimos de suas palavras: “O povo crucificado é vítima do pecado do mundo e é também aquele que trará a salvação do mundo”²⁹⁴.

A expressão “povos crucificados” não é para Sobrino apenas uma simples questão de linguagem. É uma expressão que está carregada de sentido e por isso mais difícil de ser silenciada. Uma coisa é falar de “subdesenvolvimento”, “povos em via de desenvolvimento”, “Terceiro Mundo”, “o sul”... Outra coisa é falar de crucificação²⁹⁵, pois tais expressões não comunicam todo o mal que há no mundo: “Existem, pois, povos crucificados. É necessário e

²⁹³ Cf. Id., *Fora dos pobres não há salvação*, pp. 17-18. Aqui Sobrino destaca a realidade como eixo da reflexão de Ellacuría. A estrutura formal da inteligência era compreendida por Ellacuría como “aprender a realidade e enfrentá-la”. Esta estrutura desdobra-se em três dimensões: “levar em consideração a realidade” (dimensão intelectual), “responsabilizar-se pela realidade” (dimensão ética) e “encarregar-se da realidade” (dimensão prática). O que mais causou impacto a Sobrino foi a ênfase dada por Ellacuría de *encarregar-se da realidade* ao ponto de chegar a definir a teologia como momento ideológico de uma práxis. Sobrino retoma essa intuição e define a teologia como *intellectus amoris* (para um aprofundamento do tema sugerimos SOBRINO, J., *O princípio misericórdia*, pp. 47-80). O “responsabilizar-se pela realidade” tornou-se a base para a reflexão acerca do martírio. E por último, o “levar em consideração a realidade” foi levado a sério por Ellacuría ao trazer à realidade os “povos crucificados”. Um dos principais artigos de Ellacuría foi *O povo crucificado. Ensaio de soteriologia histórica*.

²⁹⁴ Id., Aniquilação do outro, memória das vítimas, p. 21. In: CONCILIUM, 240, 1992-2. Aqui sobrino cita uma frase de Ellacuría do seu famoso texto *O povo crucificado. Ensaio de soteriologia histórica*.

²⁹⁵ Cf. Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 26.

urgente ver nosso mundo assim. E é bom chamá-los assim, porque com esta linguagem se acentua sua tragédia histórica e seu significado para a fé²⁹⁶.

Sobrino destaca três níveis fundamentais que faz de “povos crucificados” uma linguagem útil e necessária²⁹⁷:

- a) No nível fatural-real porque cruz significa morte e não só pobreza. Os povos do Terceiro Mundo sofrem a morte de muitas maneiras: uma morte lenta, mas real, devido à situação de pobreza que vivem; uma morte rápida e violenta por causa das repressões e guerras; uma morte indireta, mas eficaz, pois privam os pobres até mesmo de sua cultura para enfraquecê-los e torná-los mais indefesos.
- b) No nível histórico-ético porque cruz expressa que não é qualquer morte, mas uma forte infligida por estruturas injustas, ou seja, pela “violência institucionalizada” como é denominada por Medellín. Aqui se destaca que cruz expressa mais do que simplesmente morrer, mas “ser morto”, isto é, que há vítimas e que há assassinos.
- c) No nível religioso, pois cruz é o tipo de morte que Jesus padeceu. E padeceu neste mundo criado por Deus. Neste mundo o mal se faz presente, mas também a graça e a salvação. É a ação dos seres humanos e a ação de Deus. “O próprio Deus se faz presente nessas cruces e os povos crucificados se convertem no principal sinal dos tempos”²⁹⁸.

Sobrino acrescenta que “povos crucificados” também é uma linguagem útil e necessária na cristologia, pois eles são a presença atual de Cristo crucificado na história. Para desenvolver tal afirmação Sobrino descreve o povo crucificado como o atual servo sofredor dos cânticos de Isaías²⁹⁹ e como povo mártir.

Vejamos primeiramente a analogia ao servo sofredor. Devido à realidade latino-americana de sofrimento, pobreza, miséria, exploração, ditadura militar etc. experienciados a figura do servo sofredor que aparece nos cânticos de Isaías foi vista como a presença atual de Cristo crucificado através do povo que se encontra na mesma situação: deplorado, humilhado, maltratado...

Quando na América Latina se faz uma analogia entre servo sofredor e povo crucificado como corpo de Cristo crucificado na história o objetivo não é

²⁹⁶ Id., *O principio misericórdia*, p. 86.

²⁹⁷ Cf. Id., *Jesus, o libertador*, pp. 366-367.

²⁹⁸ Id., *O principio misericórdia*, p. 86.

²⁹⁹ Ellacuría já relacionara o povo crucificado com o servo sofredor de Javé. Sobrino desenvolverá a temática. Em *O principio misericórdia*, dedicou o artigo sobre “os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé” ao seu amigo e irmão Ellacuría.

forçar o texto a dizer, de forma arbitrária, o que ele não está dizendo, transgredindo a exegese. Indo além de uma teorização, a analogia que se faz é em primeiro lugar fruto de uma experiência. Sobrino vivencia em El Salvador a dor do povo que sofre a miséria, a fome, a opressão e, este mesmo povo é massacrado como o servo sofredor. Foram mortos inocentemente e indefesamente milhares de pessoas, mulheres, crianças, idosos. Para a Igreja, nem nome tinham. E se agora são chamados de “povos crucificados” deve-se a D. Oscar Romero e a Ignacio Ellacuría³⁰⁰.

Sobrino cita a perspectiva de D. Romero e de Ellacuría ao aproximar o povo latino-americano com o servo sofredor:

Monsenhor Romero dizia que Jesus Cristo, o libertador, tanto “se identifica com o povo, ao ponto de os intérpretes da Escritura não saberem se o servo de Javé que Isaías proclama é o povo sofredor ou é Cristo que vem nos remir”. I. Ellacuría dizia: “esse povo crucificado é a continuação histórica do Servo de Javé, do qual o pecado do mundo continua tirando toda figura humana, o qual os poderes deste mundo continuam despojando de tudo, continuam arrebatando-lhe até a vida, sobretudo a vida”³⁰¹.

Jon Sobrino surpreende-nos pela capacidade de atualizar o significado profundo do Mistério pascal relacionando-o com a vida dos inúmeros crucificados. Partindo da realidade deste continente e especificamente do povo salvadorenho, identifica a cruz de Jesus com a cruz desses povos. Na situação vivida pelo “povo crucificado” contempla-se a cruz de Jesus.

“Na América Latina, a teologização fundamental consiste em considerar o povo crucificado como a atualização de Cristo crucificado, verdadeiro Servo de Javé; de modo que povo crucificado e Cristo, Servo de Javé, se remetam e explicam”³⁰².

Como afirmamos Sobrino não parte de uma corrente teológica, mas da realidade latino-americana. Para falar do povo crucificado como servo sofredor de Javé ele faz uso, a princípio, de uma forma de meditação e de uma teologia narrativa para elucidar o que em ambos têm de vítimas, para depois de forma mais reflexiva, analisar como ambos coincidem em conceder salvação³⁰³.

Em muitos aspectos tanto o servo sofredor quanto o povo crucificado aparecem como vítimas. Ao ler as palavras de Sobrino podemos ter num primeiro momento a impressão que ele está falando de uma época específica

³⁰⁰ Cf. SOBRINO, J., *Los “mártires jesuánicos” y el “pueblo crucificado”*. Disponível em <<http://www.memoriayprofecia.com.pe/myp/node/148>>. Acesso em 01 ago 2010.

³⁰¹ Id., *Jesus, o libertador*, p. 368.

³⁰² Id., *O princípio misericórdia*, p. 86.

³⁰³ Cf. Id. *Jesus, o libertador*, p. 369.

vivida na América Latina: o período da ditadura militar. Porém, o que ele afirma em relação ao povo crucificado é a pura realidade, acontecida no passado, mas que continua acontecendo hoje também. Suas comparações são chocantes, pois denunciam as atitudes dos dominadores.

Um primeiro aspecto comum entre o servo e o povo crucificado é o sofrimento que os atinge profundamente: o servo é “homem das dores, habituado ao sofrimento” (Is 53,3), ao mesmo tempo em que o povo crucificado também o é, pois sua condição é de fome, doença, casebres, analfabetismo, frustração por falta de educação e emprego etc. Quando ambos e tantos outros tentam restabelecer a justiça e o direito suas aflições crescem (Is 42,4-7), pois recai sobre eles a violência, o julgamento e a condenação à morte. Em consequência ficam desfigurados, sem aparência humana e sem beleza nem formosura que atraia (Is 52,14;53,2). Isso se reflete na pobreza e miséria somadas ao horror das torturas, dos decapitados, dos queimados com ácido etc. (tudo isto continua a acontecer em massa nas comunidades carentes dominadas pelo tráfico e em muitos outros lugares). Por isso muitos se sentem horrorizados quando os veem (Is 52,14) e desviam o rosto para não vê-los (Is 53,3)³⁰⁴.

Outro ponto de contato entre o servo e o povo crucificado é que eles são “desprezíveis e os homens não fazem caso deles” (Is 53,3). Os povos crucificados não têm nem mesmo a dignidade, pois até esta lhes foi tirada. Como não têm nada a oferecer ao mundo são desprezados e este desprezo chega ao máximo quando são condenados em nome de Deus: “nós o considerávamos ferido por Deus”, “contado entre os pecadores” (Is 53, 4.12). Se os povos crucificados sofrem pacientemente são considerados bons, simples e até mesmo com religiosidade, mas quando decidem lutar por seus direitos são considerados subversivos, marxistas, criminosos, terroristas... E o mais chocante é que após serem desprezados em vida também o são depois da morte, pois ao servo “deram-lhe sepultura em meios aos ímpios (Is 53,9), mas ao povo crucificado às vezes nem sepultura é dada. Muitos são “desovados” em lixeiras, em valões, em cemitérios clandestinos...

O servo se “humilhava e não abria boca, como cordeiro conduzido ao matadouro” (Is 53,7). Na América Latina, na Etiópia e em vários países do Terceiro Mundo os povos crucificados morrem assim e muitos deles como indigentes, não sabemos onde vivem, como morrem, seus nomes e nem mesmo

³⁰⁴ Cf. Ibid., pp. 369-370.

o seu número com exatidão. São poucos os crucificados cujos nomes e palavras ficam conhecidos na história³⁰⁵.

O servo foi eliminado por um julgamento violento (Is 53,8), arbitrário e injusto. Hoje muitas pessoas lutam pela vida e por seus direitos e encontram profetas que os defendam. Mas infelizmente estes são reprimidos, pois “quem questiona as cruzes da história e se dedicam por suprimi-las são geralmente levados à cruz”³⁰⁶.

Um último ponto comum é a inocência como afirma o cântico: “embora não tivesse praticado a violência nem houvesse falsidade em sua boca” (53,9), foram mortos. Sobrino pergunta quais crimes cometeram os indígenas da Guatemala queimados dentro da Igreja de São Francisco em Huehuetenango, ou os camponeses assassinados em Sumpsul, ou as crianças mortas de fome na Etiópia ou Biafra. Certamente nenhum, mas a culpa sempre é lançada sobre eles³⁰⁷.

Sobrino conclui sua meditação afirmando que a realidade dos povos sofredores assemelha-se à do servo, mas também se assemelham a Jesus crucificado, por isso

“no nível do fato básico de morrer crucificado não se pode duvidar de que estes povos são os que continuam completando em sua carne o que falta à paixão de Cristo. Mas também é verdade que o povo crucificado é o que melhor remete a Jesus e permite compreender que Jesus crucificado é o servo e porque a partir da fé foi proclamado como o servo”³⁰⁸.

Com esta afirmação aparamos as arestas acerca de deturpações da exegese dos cânticos de Isaías. Diretamente os cânticos não pré-anunciam a morte da Jesus, mas na fé, devido a tudo o que ele passou, foi comparado analogamente ao servo assim como o povo crucificado o foi por Sobrino.

Na reflexão sobre o povo crucificado a tese principal de Sobrino é que este coincide com o servo sofredor na concessão de salvação. Para demonstrar como se dá tal salvação, Sobrino perpassa cinco pontos fundamentais. Em primeiro lugar o servo é morto por estabelecer o direito e a justiça. Certamente muitas pessoas são mortas por lutar pelos direitos dos crucificados e são logo identificadas com o servo sofredor. Estas pessoas são “servos ativos”, porém, para Sobrino há também os “servos passivos” e estes são todos os povos crucificados que sofrem de alguma forma uma morte injusta e cruel. Os povos

³⁰⁵ Cf. Ibid., p. 370.

³⁰⁶ Cf. Ibid., p. 340.

³⁰⁷ Cf. Ibid., p. 371.

³⁰⁸ Ibid., 371.

crucificados são como o servo não pelo que fazem, mas pelo que são. Os que morrem sem direito a nenhuma palavra participam do destino do servo. No seu silêncio expressam a palavra mais poderosa que é o insuperável clamor da realidade. O servo ativo é a voz do servo passivo. Se não existisse o servo passivo o servo ativo não seria necessário. Portanto, servo ativo e servo passivo estão intrinsecamente relacionados.

Como segundo ponto Sobrino acentua que o servo foi escolhido, eleito por Deus para a salvação (Is 42,1; 49,3.7). “O que é fraco e pequeno neste mundo foi escolhido para salvar”. É necessário um ato de fé para crer nisto, pois não é isto que se espera na história. Esta paradoxal afirmação é escandalosa para a linguagem histórica, pois aceitar que quem traz a salvação são os povos crucificados é tão escandaloso como aceitar a escolha do servo e de Cristo crucificado para trazer a salvação.

A ação do servo de carregar o pecado do mundo é o terceiro ponto acentuado na analogia com os povos crucificados. No quarto cântico o servo aparece carregando o pecado de outros. Com esta ação ele traz salvação, pois liberta os pecadores de seus pecados. O pecado mata, produz vítimas. O pecado matou o servo, a Jesus e continua matando o povo crucificado. A morte pelo pecado é a semelhança principal com o servo, pois o povo crucificado carrega sobre si o pecado de seus opressores, como afirma Sobrino:

Não há nada de retórico em afirmar que camponeses e indígenas carregam o que os poderosos e oligarcas puseram sobre seus ombros, que o Terceiro Mundo carrega o que os outros Mundos puseram sobre seus ombros. Essa carga os destroça e morrem como o servo. A desfiguração do rosto do Terceiro Mundo é o preço da *maquillage* de outros mundos; sua pobreza, o de sua abundância; sua morte, o de sua vida³⁰⁹.

O povo crucificado é portador de salvação histórica porque ao carregar histórica e realmente o pecado pode erradicá-lo e converter-se em luz e salvação.

O povo crucificado é luz porque revela que há pecado no mundo. A mentira, os males, a ganância, o endurecimento de coração das nações desenvolvidas são trazidas à tona: se há morte violenta é porque há um matador violento. Sobrino retoma as metáforas de Ellacuría ao afirmar que o povo crucificado é uma espécie de espelho invertido ou um exame de fezes que mostra o estado de saúde do paciente, pois através deles os outros Mundos

³⁰⁹ Id., *Jesus, o libertador*, p. 375.

podem conhecer sua verdade³¹⁰. Assim como o servo é luz das nações (Is 42,6;49,6) que ao desmascarar a mentira e oferecer a verdade convida à conversão, o povo crucificado também o é. Por isso o povo crucificado pode trazer a salvação histórica. Sobrino enumera alguns pontos que demonstram como os povos crucificados trazem a salvação na história³¹¹:

- a) Ao denunciar a existência de um imenso pecado os povos crucificados oferecem conversão: “se o povo crucificado não é capaz de transformar o coração de pedra em coração de carne nada o fará”.
- b) Os povos crucificados vivenciam os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus (cf PUEBLA 1147), portanto oferecem valores que não são oferecidos em outras partes.
- c) Os povos crucificados oferecem esperança: esperança que ressurge em cada derrota. É esperança contra esperança.
- d) Os povos crucificados oferecem um grande amor, pois muitos deram e continuam a dar a vida para que todos tenham vida plenamente. E isto é uma grande prova de gratuidade neste mundo egoísta e mesquinho.
- e) Os povos crucificados estão abertos para perdoar seus opressores, pois deles aceitam ajuda e os perdoam.
- f) Os povos crucificados geram solidariedade, na abertura uns aos outros, mesmo se pequena, pois antes não existia. “Geram a esperança de que viver como família humana é possível”³¹².
- g) “Os povos crucificados oferecem uma fé, uma santidade e um modo de ser Igreja mais verdadeiros e mais cristãos, mais relevantes para o mundo atual e mais recuperadores de Jesus”.

Vimos como Sobrino identifica os povos crucificados ao servo sofredor de Javé. E como já afirmamos, além desta identificação Sobrino vê os povos crucificados como um “povo martirial”. Mártir, para Sobrino, é todo aquele que tem uma morte como a de Jesus. Martírio remete à morte e ressurreição de Jesus. E são eles que revelam a presença de Deus nas cruzes da história. Na concepção de Sobrino há três tipos de mártires³¹³:

³¹⁰ Id., Aniquilação do outro, memória das vítimas, p. 19. In: CONCILIUM, 240, 1992-2, pp 13-21.

³¹¹ Cf. Id., *Jesus, o libertador*, p. 378-380.

³¹² Id., *Humanizar uma civilização enferma*, p.79. In: CONCILIUM, *O mal hoje e as lutas para ser humano*, 329, 2009-1, pp.70-80.

³¹³ Cf. Id. *Jesus, o libertador*, pp. 388-389.

- a) Os que estruturalmente reproduzem o martírio de Jesus. Como exemplo podemos citar D. Oscar Romero e tantos outros cristãos ou não que em sua santidade subjetiva viveram para defender o reino e atacar o antirreino. Estes foram mortos porque exerceram a violência profética, mas não tiveram o direito de se defender.
- b) Os que são mortos por defender o reino, mas estão organizados popularmente a ponto de exercer algum tipo de violência em sua luta. Portanto muitos deles são mortos, mas não sem defesa. Estes refletem em si um ponto essencial do martírio que é a entrega da vida por amor ao reino.
- c) Os assassinados em massa, inocente e anonimamente, sem uso de qualquer tipo de violência. Estes não são considerados oficialmente como mártires porque não entregaram ativamente a vida pela defesa da fé nem do reino, nem entregaram a vida livremente. Porém, nem liberdade se quer estes possuem para dar.

Sobrino nomeia os últimos mártires citados acima como “povos crucificados” e os dois primeiros como “mártires jesuânicos”:

“Mártir’ soa a ‘horror de sangue derramado’. Entre nós é outra coisa: ‘mártir’ soa a ‘um grande amor’, a dar tudo a fundo perdido, com o risco de perder tudo, e vivendo assim até o final. Mártires são ‘os conseqüentemente misericordiosos’, como Jesus, até a cruz. Por isso os chamamos ‘mártires jesuânicos’”³¹⁴.

Essa visão de Sobrino não foi fruto de elucubrações teológicas, mas da própria realidade salvadorenha:

Se me é permitido uma memória pessoal, quando em março de 1977 assassinaram Rutilio Grande, monsenhor Romero me pediu para fazer uma reflexão teológica sobre o martírio. Tentei encontrar ideias em livros de história e teologia, mas não me ajudaram muito: o que aconteceu com Rutilio, com o idoso e a criança que o acompanhavam, se parecia pouco ao que aconteceu na perseguição dos primeiros séculos da Igreja ou nas antigas terras de missão ou nos países comunistas. Mas me recordavam a morte de um Martin Luther King e, de fato, a morte de Jesus de Nazaré. Por esta razão, a estes mártires de El Salvador, homens e mulheres, temos-lhes dado um novo nome: os “mártires jesuânicos”. Entre eles estão os camponeses e camponesas, trabalhadores, estudantes, professores, médicos e enfermeiras, advogados, defensores dos direitos humanos e jornalistas, catequistas e sacerdotes, religiosas e bispos. Até um arcebispo³¹⁵.

Os assassinados em defesa da vida são chamados espontaneamente pelo povo de “mártires”. D. Pedro Casaldáliga chama D. Romero de “nosso pastor e mártir”. Mas, segundo Sobrino, ao chamá-los de mártires surge um

³¹⁴ Id., *Humanizar uma civilização enferma*, p.79. In: CONCILIUM, *O mal hoje e as lutas para ser humano*, 329, 2009-1, pp.70-80

³¹⁵ SOBRINO, J., *Los “mártires jesuânicos” y el “pueblo crucificado”*. Disponível em <<http://www.memoriayprofecia.com.pe/myp/node/148>>. Acesso em 01 ago 2010.

problema: “se segundo a Igreja, o são em verdade”³¹⁶. Para analisar se são mártires Sobrino recorre a um conceito prévio de mártir e verifica se as pessoas assassinadas cumprem os requisitos básicos para esse conceito. Para Sobrino o conceito prévio de mártir está na cruz de Jesus como ponto fundante do martírio:

Abordar assim o martírio não é, porém, só fruto de uma inegável intuição cristã, mas da opção metodológica fundamental que percorre a cristologia na América Latina: voltar a Jesus para, a partir dele, repensar todas as realidades teológicas. De acordo com isto também a análise do que é morte cristã e martírio deve ser feita a partir de Jesus. A morte mais “cristã” será a de Jesus e, ao longo da história, as que se parecerem mais com a de Jesus, sejam chamadas ou não de martírio. Mas, se para descrever a morte cristã por excelência continua-se usando o termo “martírio”, então é preciso mudar a ótica para analisá-lo: não se deve partir de uma definição de martírio – segundo a qual Jesus pode até não ter sido mártir – mas da cruz de Jesus³¹⁷.

Na concepção oficial o martírio é visto como o morrer para dar testemunho de Cristo. Nos primeiros séculos do cristianismo a perseguição aos cristãos tinha como motivação oficial a não aceitação do culto a outras divindades por parte do Império Romano. A morte gerada pela perseguição contra a fé cristã, que era de cunho religioso (embora se admita que houvesse outras motivações políticas ou econômicas), ficou caracterizada como *in odium fidei* (por ódio à fé). Essa compreensão de martírio foi-se consolidando ao longo dos séculos pela tradição da Igreja³¹⁸.

O martírio, como conceito dogmático e teológico fundamental compreende-se como a aceitação livre, suportada, sem combate ativo, da morte por amor à fé³¹⁹. Portanto, desse conceito exclui-se aqueles que morrem num combate ativo em prol da fé. No entanto, para Santo Tomás de Aquino podem ser considerados mártires aqueles que morrem defendendo a pátria do ataque de inimigos que pretendem corromper a fé cristã³²⁰.

Os cristãos atualmente são perseguidos nos países de regime comunista ou em países como a Índia, por exemplo, devido à religião oficial. Na América Latina, nas décadas passadas (e ainda hoje), muitos cristãos sofreram a perseguição e morreram por defender os pobres. Os assassinos foram na maioria os próprios cristãos pertencentes ao governo e às forças armadas. O

³¹⁶ Id., Los mártires jesuánicos en el tercer mundo, p. 238. In: REVISTA LATINOAMERICANA DE TEOLOGIA, 48, septiembre-diciembre, 1999, año XVI, pp. 237-255.

³¹⁷ Id., *Jesus, o libertador*, p. 384.

³¹⁸ Cf. TAVARES, S.S. O martírio cristão: expressão da misericórdia consequente, pp.121-122. In: SOARES, A. M. L. (Org.), *Dialogando com Jon Sobrino*, pp.121-153.

³¹⁹ Cf. RAHNER, K., Dimensões do martírio – tentativa de ampliar um conceito clássico, p. 269. In: CONCILIIUM, *Martírio hoje*, 183, 1983-3, pp. 13-16

³²⁰ Cf. PICO, J. H., O martírio hoje na América Latina: escândalo, loucura e força de Deus, p. 57. In: *Ibid.*, pp. 51-58.

“martírio” na América Latina não foi ocasionado por razões religiosas, mas históricas, sociais, militares, políticas e econômicas³²¹:

“A defesa do direito dos pobres à vida, na América Latina de hoje, conduz facilmente ao sofrimento e até à morte. Esse resultado, aparentemente paradoxal, revela a dimensão das resistências que será necessário vencer para mudar a situação de ‘pobreza antievangélica’ que impera no subcontinente”³²².

Além destes, muitos pobres, indígenas, camponeses foram executados em massa. A Igreja oficialmente não os reconhece como mártires, pois não tiveram uma morte *in odium fidei* (por ódio à fé). É aqui que se inicia uma reflexão em nosso contexto latino-americano para uma compreensão do martírio a partir de Jesus Cristo como *sacramento fontal do martírio*³²³. “O martírio não meramente pensado, mas aprendido em sua realidade, remete – melhor do que qualquer dogma ou cânon – à cruz de Jesus. E, a partir daí, pode remeter à sua ressurreição”³²⁴. Encontramos diversos artigos que provocam uma discussão acerca da temática, inclusive de teólogos europeus como Karl Rahner. Ele escreve:

“Uma legítima ‘teologia política’ e uma teologia da libertação deveriam interessar-se por este alargamento de conceito (martírio). Ele tem uma significação prática e concreta para um cristianismo e uma Igreja que desejam ter consciência de sua responsabilidade pela justiça e paz no mundo”³²⁵.

Sobrino propõe não apenas um alargamento do conceito, mas, como já afirmamos, uma mudança:

“É bom que haja processos de canonização, que se discuta - com honradez e ciência – sobre a necessidade de ampliar a noção do martírio (pessoalmente, penso que não só tem que ir além da ampliação do conceito para que nele tenham lugar os mártires jesuânicos, mas o que tem que ser feito é mudar o conceito para que os mártires jesuânicos sejam o ‘*analogatum princeps*’)”³²⁶.

Explicitamente o Concílio Vaticano não fala de mártires como aqueles que deram sua vida pela causa da justiça. Porém ressalta a importância do mesmo:

³²¹ Cf. SOBRINO, J. Nosso mundo. Crueldade e compaixão, p. 12. In: CONCILIUM, *Repensando o martírio*, 299, 2003-1, pp. 12-21.

³²² GUTIÉRREZ, G. *Beber em seu próprio poço*, p. 141.

³²³ Expressão de L. Boff. Cf. BOFF, L. *Martírio*, p. 274. In: CONCILIUM, *Martírio hoje*. 183, 1983-3, pp. 273-280.

³²⁴ SOBRINO, J. A causa dos mártires, p. 134. In: FORCANO, B. et al., *Pedro Casaldáliga: as causas que imprimem sentido à sua vida - Retrato de uma personalidade*, pp.129-150.

³²⁵ RAHNER, K. op.cit., p. 272.

³²⁶ Id., *Los “mártires jesuânicos” y el “pueblo crucificado”*. Disponível em <<http://www.memoriayprofecia.com.pe/myp/node/148>>. Acesso em 01 ago 2010.

O martírio pelo qual o discípulo se assemelha ao mestre, que livremente aceitou a morte pela salvação do mundo, configurando-se com ele no derramamento de sangue, é considerado pela Igreja como doação exímia e prova suprema. E se este dom é concedido a poucos, convém que todos vivam preparados para confessar Cristo diante dos homens e para segui-lo pelo caminho da cruz, em meio às perseguições que nunca faltam à Igreja (LG 42).

Os documentos conciliares dão importância ao testemunho de tantas pessoas que com sua forma de vida tornam presente a fé e os valores espirituais, mas não analisa teologicamente a importância da perseguição e do martírio, como pode ser confirmado nos seguintes documentos: LG 8 (a perseguição da Igreja é vista como acompanhante de sua missão, AG 42 (a perseguição que ocorreu em terras da missão é vista como modelo), AA 17 (onde não existe liberdade religiosa), LG 42 (genericamente se menciona a excelência do martírio) e DH 11 (aqui também genericamente se fala da história dos mártires)³²⁷. A perseguição é assim tratada porque uma nova forma de perseguição dar-se-á na Igreja latino-americana propriamente depois do Concílio.

Mesmo diante da realidade de perseguição e martírio os documentos do CELAM não abordam a sua essência. Porém, falam também da necessidade do testemunho na evangelização e da solidariedade com os pobres. Medellín não diz explicitamente uma palavra sobre o martírio. Em Puebla evita-se a palavra mártires ou martírio como podemos perceber em algumas expressões do documento conclusivo: “suportar a morte como testemunho da missão profética” (PUEBLA 92); “santos da América Latina: os que morreram defendendo a integridade da fé a liberdade da Igreja, servindo aos pobres, servindo aos índios, servindo aos escravos” (PUEBLA 265); “pastores que no exercício do ministério afrontam a perseguição e a morte” (PUEBLA 668)³²⁸. Puebla afirma que há perseguição na América Latina, portanto faz saltar aos olhos que o resultado da perseguição é o martírio.

Ao seguirmos cronologicamente as reflexões de Sobrino podemos perceber que a Igreja ainda não sabe que lugar dar a tantas pessoas assassinadas pela defesa da vida. Elas “podem ser mártires *na* Igreja, mas não mártires *da* Igreja³²⁹. Em texto mais recente Sobrino destaca que no documento de Aparecida o termo “mártires” é usado com naturalidade, portanto eles são

³²⁷ SOBRINO, J., *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p. 178.

³²⁸ Cf. PICO, J. H., *O martírio hoje na América Latina: escândalo, loucura e força de Deus*, p. 57. In: CONCILIIUM, *Martírio hoje*, 183, 1983-3, pp. 51-58.

³²⁹ SOBRINO, J. *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*, p. 17. In: CONCILIIUM, *Repensando o martírio*, 299, 2003-1, pp. 12-21.

reconhecidos³³⁰. Porém, eles ainda não são inseridos na cristologia, isto é, não são inseridos como seguidores do Jesus que foi perseguido e morto na cruz porque incomodou os opressores. E não são inseridos porque a cruz de Jesus não é o centro da cristologia do documento³³¹. Isto é confirmado com uma citação de Comblin referente à análise do documento:

Tem-se a impressão de que o texto quis evitar qualquer referência ao conflito com os romanos e com as autoridades de Israel. É um evangelho sem conflito, composto de pura bondade. Por que um evangelho sem conflito? Para não ter que reconhecer o sentido do martírio de tantos latino-americanos crucificados na segunda parte do século. As elites querem ocultar a responsabilidade histórica que têm nesses martírios do século XX. A recordação desses martírios ofende as classes dirigentes de muitas nações³³².

Segundo Sobrino o “‘martírio’ – seja qual for sua definição – é um conceito histórico. Para “repensá-lo”, será preciso analisar a realidade que o faz existir e por que o leva a efeito”³³³. Assim, martírio é toda morte que foi como a de Jesus. E neste sentido há duas formas de morte: a dos mártires jesuânicos e a dos povos crucificados. E o mais importante é que estes dois tipos de mortes estão intrinsecamente relacionados:

"Mártires jesuânicos" e "povo crucificado" podem parecer termos abstratos. No entanto, são absolutamente necessários para explicar corretamente o que queremos dizer ao afirmar que El Salvador é um povo martirial. Sob a forma de tese, os mártires atuais em El Salvador, presente em todo o Terceiro Mundo, que com liberdade e por amor denunciam o pecado estrutural, são "mártires jesuânicos". E existe um autêntico martírio das maiorias pobres que as assemelham ao servo sofredor de Javé: é "o povo crucificado". E a tese última e definitiva: a relação entre mártires jesuânicos e povo crucificado está na defesa que se faz do povo crucificado³³⁴.

Para repensar oficialmente a morte dos mártires jesuânicos como martírio há a necessidade de passar do *odium fidei* (ódio à fé) para o *odium iustitiae* (ódio à justiça) e *odium misericordiae* (ódio à misericórdia), pois “misericórdia que define a realidade mais profunda de Jesus e seu Deus, descrita em Lucas como ‘mover-se de compaixão’. É o martírio na linha joânica do ‘maior amor’”³³⁵.

³³⁰ Cf. DAp 140, 220, 275, 383 e 396.

³³¹ Cf. SOBRINO, J. A causa dos mártires, pp. 144-150. In: FORCANO, B. et al., *Pedro Casaldáliga: as causas que imprimem sentido à sua vida - Retrato de uma personalidade*, pp.129-150.

³³² Ibid., p.147. Citação de COMBLIN, J., El proyecto de Aparecida. In: REVISTA LATINOAMERICANA DE TEOLOGIA, 72 (2007).

³³³ Ibid., p. 12..

³³⁴ Id., *Los “mártires jesuânicos” y el “pueblo crucificado”*. Disponível em <<http://www.memoriayprofecia.com.pe/myp/node/148>>. Acesso em 01 ago 2010.

³³⁵ Id., SOBRINO, J. Nosso mundo. Crueldade e compaixão, p. 17. In: CONCILIUM, *Repensando o martírio*, 299, 2003-1, pp. 12-21.

Passa-se da concepção de morrer por Jesus ou por causa de Jesus para o morrer pela causa de Jesus.

Em nosso contexto latino-americano foram muitos os cristãos que viveram como Jesus, na pregação do evangelho e do Reino, denunciando toda forma de opressão e repressão. Por isso, também como Jesus, foram levados à morte. Sobrino conclui que os mártires jesuânicos reproduzem a vida, a práxis e o destino de Jesus, visto que Jesus é morto porque estorva, estorva porque ataca os opressores, ataca os opressores para defender os pobres e defende os pobres até o fim porque os ama³³⁶. Sobrino admite que explicitamente aqui não há o *odium fidei*, porém implicitamente se rechaça um Deus de justiça, dos pobres, das vítimas³³⁷. Portanto, “os mártires jesuânicos são princípio hermenêutico, mistagogia, para compreender o martírio de Jesus”. Assassinar Jesus pela mesma razão que assassinaram D. Romero e muitos outros. Esses mártires alargam a experiência e o sentido do martírio.

“O compromisso pelo Reino recebe do martírio nova dimensão. Esse amor que se quer eficaz é um amor aberto e disponível ao sofrimento e à própria morte, consciente de que o ‘esvaziamento’ (*kenosis*) de seu gesto promove o crescimento do Reino e antecipa a vitória definitiva, a exemplo de Cristo (Fl 2,6-11)”³³⁸.

Sobrino perpassa alguns textos dos evangelhos como fundamento para a nova concepção de martírio. Em Mateus, Jesus envia a uma missão semelhante a sua: anunciar o reino e expulsar os demônios. E adverte que sofreriam perseguição e que seriam odiados: “Os odiarão por minha causa” (Mt 10, 21-22), “os entregarão à tortura e os matarão, e sereis odiados por todas as nações por causa do meu nome” (Mt 24, 9-10), “Bem-aventurados quando vos perseguirem por causa de mim” (Mt 5,11). Porém, é na teologia joanina que, segundo Sobrino, está a maior profundidade acerca do martírio: “Os expulsarão das sinagogas. E mais ainda: virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar um ato de culto a Deus” (Jo 16, 1-2), e isto porque, “se o mundo vos odeia, sabe que, primeiro me odiou a mim. O servo não é maior que seu senhor. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão” (Jo 15,18.20). E mais ainda. Em João encontra-se o que mais assemelha os mártires jesuânicos com a morte

³³⁶ Id., *Los “mártires jesuânicos” y el “pueblo crucificado”*. Disponível em <<http://www.memoriaprofecia.com.pe/myp/node/148>>. Acesso em 01 ago 2010.

³³⁷ Ibid.

³³⁸ MIRANDA, M. F., *A salvação de Jesus Cristo*, p. 161.

de Jesus: a entrega da vida por amor aos irmãos (Cf. Jo 15,13; 1 Jo 3,16)³³⁹. “A fidelidade a Cristo produz a perseguição”³⁴⁰.

À luz dos textos citados anteriormente podemos nos questionar se os mártires jesuânicos são mais mártires do que os povos crucificados, visto que os mártires jesuânicos lutam ativamente pelo reino e entregam a própria vida. Ao se defrontar com esse questionamento, Sobrino afirma que ele mesmo não saberia dizer onde há “mais martírio”³⁴¹. O que ele afirma, no entanto, é que cada uma dessas mortes pode ser *analogatum princeps* em seu gênero³⁴². Os povos crucificados carregam o pecado do antirreino (a injustiça, a fome, a miséria, a pobreza, a falta de saúde, de moradia etc.) e são entregues à morte inocente, massiva e passivamente. E assim como Jesus expressam a “inocência histórica”. E são eles que, sem pretender e sem saber, “completam em sua carne o que falta a paixão de Cristo” e são os que mais tragicamente mostram o lado sombrio da paixão do mundo³⁴³, como já afirmara D. Romero:

A verdadeira perseguição se dirigiu contra o povo pobre, que é hoje o corpo de Cristo na história. Eles são o povo crucificado como Jesus, o povo perseguido como o servo de Javé. Eles são os que completam em seu corpo o que falta a paixão de Cristo. E, por esta razão, quando a Igreja se organizou e unificou-se, acolhendo as esperanças e as angústias dos pobres, teve a mesma sorte que Jesus e os pobres (discurso de Lovaina, 2 de fevereiro de 1980)³⁴⁴.

Muitos foram os mártires latino-americanos; muito sangue foi derramado em nosso continente a fim de silenciar um grito profético. Tentativas vãs. Ninguém consegue calar o amor. Se há mártires é porque há amor, há vida doada, há entrega, há misericórdia. Sentimentos que impulsionaram toda a vida de Jesus e que impulsionam tantas pessoas a ver um mundo melhor, a ver o Reino acontecer. É surpreendente a esperança que brota da cruz. Sobrino cita Ellacuría para exprimir isto:

³³⁹ SOBRINO, J., *Los “mártires jesuânicos” y el “pueblo crucificado”*. Disponível em <<http://www.memoriayprofecia.com.pe/myp/node/148>>. Acesso em 01 ago 2010.

³⁴⁰ Id., *Espiritualidade da libertação*, p. 110.

³⁴¹ Sobrino questiona-se: “Pode parecer absurdo; porém, me pergunto quem é mais mártir: Ellacuría ou Julia Elba? Quem reproduz mais a cruz de Jesus?”. In: *Os mártires da UCA. Exigência e graça*. Disponível em <<http://www.itaici.org.br/quadro01.php?action=03&id=00008&canal=ACONTECEU&secao=&subsecao=&idpost=00235>>. Acesso em 01 ago 2010. A nosso ver não há diferença hierárquica nos tipos de martírio para Sobrino. Ao falar de seus seis irmãos jesuítas assassinados na UCA sempre estão presentes nessa memória a empregada e sua filha, Júlia Elba e Celina. A eles ele escreveu: “Descansem em paz Ignacio Ellacuría, Segundo Montes, Ignacio Martín-Baró, Amando López, Juan Ramón Moreno, Joaquín López y López, companheiros de Jesus. Descansem em paz Julia Elba e Celina, filhas muito queridas de Deus. Que sua paz nos transmita aos vivos a esperança e que sua recordação não nos deixe descansar em paz”

³⁴² SOBRINO, J. Nosso mundo. Crueldade e compaixão, p. 20. In: CONCILIUUM, *Repensando o martírio*, 299, 2003-1, pp. 12-21.

³⁴³ Id., *Los “mártires jesuânicos” y el “pueblo crucificado”*. Disponível em <<http://www.memoriayprofecia.com.pe/myp/node/148>>. Acesso em 01 ago 2010.

³⁴⁴ Id., *Espiritualidade da libertação*, p. 110.

Todo este sangue martirial derramado em El Salvador e em toda a América Latina, longe de levar ao desânimo e ao desespero, infunde novo espírito de luta e nova esperança em nosso povo. Neste sentido, se não somos um “mundo novo” nem um “novo continente”, somos sim, claramente e de maneira verificável – e não precisamente pelas pessoas de fora – um continente de esperança, o que é um sintoma sumamente interessante de uma futura novidade frente a outros continentes que não têm esperança e a única coisa que têm é medo³⁴⁵.

Nas últimas décadas Sobrino vem desenvolvendo a reflexão sobre a nova concepção de martírio e convoca a Igreja a reconhecê-los, a nomeá-los: nomear principalmente as maiorias de “povo crucificado” como um ato de reparação que deveria ter ocorrido há muito tempo, pois não seria apenas um outorgar dignidade aos mortos, mas seria um ato de fé ao ver neles um potencial salvífico que convida à conversão e traz luz e salvação³⁴⁶. O sangue de nossos mártires fecunda nosso chão latino-americano e nos convoca a sermos cristãos autênticos:

Os mártires da América Latina não nos deixam somente uma lembrança; nos deixam uma tarefa a prosseguir, a de dar Boas Novas aos pobres; nos mostram a seriedade dessa tarefa e o preço a ser pago; nos fazem descobrir que existe um amor pelo qual lutar e um Senhor a quem seguir. A Igreja latino-americana há de dar graças por eles e há de pedir a graça de que sua memória não nos deixe em paz³⁴⁷.

2.5. Conclusão

Após contemplarmos o sentido histórico da morte de Jesus, neste segundo capítulo procuramos apresentar o sentido teológico da morte de Jesus, que sem sombra de dúvidas encontram-se interligados.

A morte de Jesus na cruz é tida como um desígnio divino para nos salvar, por isso insistimos em afirmar que a cruz de Jesus foi consequência histórica de sua vida doada com amor gratuito. Sobrino esclarece que o desígnio de Deus foi sua autêntica encarnação em nossa história.

Sobrino analisa o silêncio de Deus na cruz e nos apresenta as contradições existentes nesse fato, pois Jesus nos apresenta um Deus próximo, um Pai que não abandona, mas experimenta na cruz a distância de Deus e o

³⁴⁵ Id., *O princípio misericórdia*, p. 131.

³⁴⁶ Cf. Id., *Nosso mundo. Crueldade e compaixão*, p. 19. In: CONCILIUM, *Repensando o martírio*, 299, 2003-1, pp. 12-21.

³⁴⁷ GALLARDO, C.B., *Povo crucificado, povo de mártires e de esperança*, p. 432. In: BEOZZO, J. O. et alli., *Vida clamor e esperança*, pp. 423-433.

seu abandono. A pergunta pela presença de Deus no sofrimento de Jesus sobressai como também a imagem que temos de um Deus onipotente que não salva o seu Filho da morte. Sobrino, partindo de Moltmann, propõe uma nova compreensão no conceito de Deus: um Deus crucificado. Jesus experimenta o abandono e o silêncio de Deus porque Deus também sofre com o seu Filho na cruz. O Pai não morre na cruz, mas experimenta o sofrimento do Filho e é solidário para com ele, assim como o é para com todos os crucificados da história. Portanto na cruz revela-se outro aspecto de Deus: um Deus próximo aos sofrimentos humanos.

Para expressar que há crucificados em nossa história Sobrino utiliza a expressão de seu amigo e irmão Ellacuría “povos crucificados”. Ao falar de “povos crucificados” Sobrino quer comunicar o mal presente no mundo que continua a fazer vítimas. E estes “povos crucificados” são a presença atual de Cristo crucificado na história, isto é, são o corpo de Cristo. Muitas pessoas deram gratuitamente a sua vida em defesa dos povos crucificados assim como Jesus o fez, por isso Sobrino denomina-os “mártires”, mesmo não se encaixando no conceito oficial de martírio. Para que isto aconteça Sobrino propõe uma mudança na concepção de martírio e que nesta seja realizada a partir do mártir Jesus.

Para o povo estes que morreram em defesa de sua causa já são considerados mártires, pois em meio de tanto sofrimento enxergam que Deus não os deixou abandonados à própria sorte, mas suscita pessoas a se fazerem próximas e solidárias, e com isso revelam o Seu amor.